



**Universidade de Brasília**

Rodrigo do Amaral Silva

**COMUNIDADE SANTA LUZIA: educação, infâncias e território de  
resistência**

Brasília

2017

Rodrigo do Amaral Silva

**COMUNIDADE SANTA LUZIA: educação, infâncias e território de  
resistência**

Trabalho final de curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia, pela  
Universidade de Brasília.

Orientadora: Dra. Fátima L. Vidal Rodrigues

Brasília

2017



Rodrigo do Amaral Silva

**COMUNIDADE SANTA LUZIA: educação, infâncias e território de  
resistência**

Trabalho final de curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia, pela  
Universidade de Brasília.

**BANCA EXAMINADORA**

**Aprovada em:**

---

Professora Dra. Fátima L. Vidal Rodrigues  
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB  
(Presidente)

---

Professora Dra. Cristina Massot Madeira Coelho  
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB  
(Membro Interno)

---

Professora Dra. Claudia Guilmar Linhares Sanz  
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB  
(Membro Interno)

---

Professora Dra. Maria Alexandra Militão Rodrigues  
Faculdade de Educação – Universidade de Brasília – UnB  
(Membro Suplente)

**Agradeço a minha esposa e filho  
pela paciência e cumplicidade.**

## RESUMO

O presente trabalho originou-se das demandas da comunidade Santa Luzia, a falta de espaços para as práticas esportivas e de momentos em que os indivíduos pudessem ter voz ativa. As oficinas foram sendo construídas coletivamente, possibilitando espaços de resistência e encorajamento às crianças e adolescentes. O ponto principal das oficinas sempre foi o diálogo, escuta e cuidado com os sujeitos na construção da autonomia. Nessa construção coletiva todos os sujeitos perceberam que as mudanças são possíveis quando trabalhamos com objetivos definidos e acreditando uns nos outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Resistência, encorajamento, autonomia, diálogo.

## Sumário

<b>RESUMO .....</b>	<b>5</b>
<b>PARTE I – Memorial Educativo .....</b>	<b>7</b>
<b>Parte II – Monografia.....</b>	<b>15</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>20</b>
<b>Onde e o que é a Santa Luzia?.....</b>	<b>20</b>
<b>1.1 Ações comunitárias na Comunidade da Santa Luzia (Coletivo da Cidade, Ações religiosas, Casa de Paternidade) .....</b>	<b>24</b>
<b>1.2 Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC) / Casa de Paternidade.....</b>	<b>27</b>
<b>1.3 Jiu-jitsu - A “Arte Suave” e seu caminho no desconhecido .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>33</b>
<b>Já não sou como era antes, a resiliência em ação.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>42</b>
<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>44</b>
<b>3.1- OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>44</b>
<b>3.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>44</b>
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>45</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>45</b>
<b>4.1 Contexto de pesquisa .....</b>	<b>46</b>
<b>4.2 Sujeitos da pesquisa .....</b>	<b>49</b>
<b>4.3 Crianças atendidas no CDC e nas oficinas.....</b>	<b>59</b>
<b>4.4 Derivação do CDC para as oficinas .....</b>	<b>61</b>
<b>CAPÍTULO 5.....</b>	<b>63</b>
<b>Contexto e as práticas das oficinas.....</b>	<b>63</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>Parte III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICE B .....</b>	<b>75</b>

## **PARTE I – Memorial Educativo**

Essa história de amor ao esporte (Jiu-jitsu) teve início no ano de 1996, aos meus 15 anos de idade. Na época eu estudava em uma escola que passava por sérios problemas relacionados à violência, Escola Classe 405 localizada no bairro da Asa Sul, Brasília-DF, com isso percebi a necessidade de praticar alguma arte marcial para que pudesse me defender. Um grande amigo meu já praticava o Jiu-jitsu e com o convite dele tive a oportunidade de conhecer um professor que realmente mudou a minha forma de pensar sobre as artes marciais, o nome dele é Rawlinson. Esse professor era a minha referência de vida, pois com a separação dos meus pais, sempre tive esse vazio da presença de um homem a quem me espelhar. Logo nos primeiros meses de treinamento Rawlinson nos levou a uma competição interna, onde os campeões formariam o time de competição nacional da equipe. Depois de três lutas bem disputadas eu fiquei em segundo lugar, não contive o choro, a sensação de não ter cumprido o que me foi posto era devastadora. Não adiantavam os elogios pela bela apresentação, o importante naquele momento era ganhar e mostrar que eu era o melhor entre os competidores. Ao retornar a academia o professor sentou-se com todos os alunos e nos disse o quão satisfeito estava com o empenho de todos, mas isso ainda não me confortava, eu tinha que ser o melhor.

Nesses dois primeiros anos de contato com o jiu-jitsu a minha vida tomou outra forma, eu era uma pessoa muito mais autoconfiante, me sentia muito bem e na escola sempre procurava ser aquela pessoa amante do esporte. Tudo o que eu fazia era voltado para a modalidade, acordei inúmeras

vezes de madrugada para poder perder peso para as competições, já me preocupava com a alimentação, onde meu professor sempre nos orientava no sentido de buscar uma qualidade de vida. Lutei muitos campeonatos e sempre perdia, chorava, não dormia, mas estava no outro dia sempre a treinar. Teve época que cheguei a treinar três vezes por dia, isso me alimentava. No ano de 2000 meu professor descobriu uma doença degenerativa nos olhos e marcou uma reunião com todos os alunos, nesse dia nos comunicou que não poderia mais praticar e nem ministrar as aulas, aquela notícia foi devastadora. A pessoa que eu me espelhava naquele momento eu entendia que havia me abandonado, eu não conseguia fazer a leitura do que ele vinha passando e apenas pensei no que seriam dos meus treinamentos dali para frente.

Nesses primeiros 20 anos de vida eu morava na Asa Sul / Brasília e no ano de 2001 com muitos problemas enfrentados dentro de casa com as drogas, minha mãe resolveu que mudando do local conseguiria resolver esse problema que meu irmão vinha enfrentando. Em dezembro de 2001 mudamos para um condomínio fechado na cidade de Sobradinho/ DF e eu já estava há um ano sem praticar Jiu-jitsu. Em 2002 encontrei ainda passando pela fase de adaptação a nova moradia e localidade nunca antes conhecida, fui a procurar um espaço que tivesse a prática esportiva e encontrei no Batalhão de Polícia Militar da cidade de Sobradinho. O ambiente era bem interessante, pois tinha um pouco daquilo que eu já havia experimentado misturado com um pouco da firmeza que é o militarismo. Não podíamos chegar ao espaço de bermuda, camiseta regata e se isso ocorresse os policiais militares bloqueavam a entrada. Pratiquei a modalidade por mais um ano nesse local onde conheci numa lanchonete um professor muito conhecido na capital federal por levar



seus atletas aos melhores campeonatos do País. O nome desse professor é Ataíde Júnior, uma pessoa muito cativante e desafiadora, ele sempre ao dialogar com você deixa aquela pergunta de inquietação. Nesse momento eu consegui vivenciar um pouco da minha adolescência, dividir o espaço com uma pessoa muito cativante e com alunos bem interessantes.

Aquela sensação da referência que me faltava não se dava mais, onde esse professor contribuiu em grande parte pelo caráter que eu possuo e pela dedicação que ainda hoje me consome em todos os ambientes nos quais eu participo. A vontade de competir voltou de uma forma que antes não existia, mas sempre eu batia na trave e não conseguia me sagrar campeão. Foram inúmeros campeonatos, mas eu sempre já chegava às competições com aquela pulga atrás da orelha, será que hoje é o dia? De repente os resultados começaram a aparecer, muita fama e glória nos espaços que eu convivia. Isso tudo para mim era novo, o assédio e o reconhecimento por algo que eu sempre amei e me dediquei e não conseguia lidar com isso. Eu sempre fui uma pessoa muito reservada que não gostava de destaque, quanto menos conversassem comigo eu sentia-me melhor, mas com essas mudanças eu comecei a perceber que algo não estava indo bem. Nesse período eu cursava Relações Internacionais e buscava através das minhas leituras compreender o que vinha acontecendo comigo. Cheguei a um estágio que o melhor a se fazer era sair de cena. Parei de competir novamente, ia a academia treinar e já buscava uma brecha para sair de fininho e não ter que conversar com ninguém. Tudo era estranho, antes eu não conseguia ganhar e me perguntava como treinava tanto e sempre perdia, depois eu continuava a treinar tanto e ganhava e também não estava bem. Nessa fase da vida eu tive contato com o Projeto Segundo Tempo

do Governo Federal, a época implantado pelo Ministro dos Esportes Agnelo Queiroz, onde comecei a ministrar aulas de Jiu-jitsu para pessoas carentes da comunidade de Sobradinho 2. Nesse período eu também consegui uma academia no condomínio Império dos Nobres em Sobradinho que já atendia um público com poder aquisitivo considerável.

Quando pensamos que as energias que possuímos nos guiam para algo maravilhoso, penso em tudo de bom que veio a me acontecer nesses preciosos momentos, onde conheci pessoas maravilhosas. Nessa fase da minha vida as teorias Marxistas que desde a adolescência fizeram parte da minha bagagem de leitura começaram a me cortar de uma forma que mudanças deveriam ser feitas. A lavagem de dinheiro dentro do Governo tirou no primeiro momento o lanche das crianças que eu ministrava as aulas, seis meses depois nos tirou dos espaços e logo após veio o escândalo dos desvios de dinheiro do Projeto Segundo Tempo. A minha insatisfação/ indignação com a situação era tamanha que me pus a alugar um espaço para não deixar as crianças sem um local para treinar, mas o dinheiro era pouco, com 22 anos ainda sem uma renda física o bolso não conseguia acompanhar os sonhos. Foi quando me dispus a pedir pelos comércios apoios para poder pagar com esses alugueis, então nesse momento sim achei por bem voltar a competir e usar de fato do nome que eu possuía para não deixar aquelas pessoas sem um espaço de treino. Por outro lado, na academia que eu dava aula era totalmente o contrario, os alunos chegavam nos melhores carros, roupas de marcas, viagens maravilhosas e isso me entristecia, não pelo fato deles terem algo para desfrutar e sim pelo fato dos outros não terem as mesmas possibilidades. Depois de muita luta um comerciante que possuía a época um hotel fazenda

começou a me patrocinar e com esse dinheiro eu pagava as contas da sala que eu alugava. As aulas eram ministradas praticamente o dia todo, alunos pagavam com a quantia que não atrapalhasse o orçamento da sua casa, mas os problemas eram muitos. Chegamos a treinar 6 meses no escuro, onde a lâmpada de um bondoso vendedor de cachorro quente ainda nos fornecia uns fechos de luz. Se eu falar que isso não foi proveitoso eu estaria mentindo, pois nessa fase da minha vida conheci muitas pessoas legais que desfrutavam do que eu queria para a minha vida, aquela sensação de comunidade, de laços preestabelecidos e reconhecimento pelo trabalho que você desempenha.

Depois de anos nessa luta constante em ministrar aulas para todas as classes, surgiu um problema, eu não conseguia lidar com essas situações junto ao que o meu professor Ataíde Júnior tinha como sonho idealizado, ganhar dinheiro. Isso era muito forte, não sei, mas o dinheiro nunca foi algo determinante na minha vida. A minha família possui um poder aquisitivo muito bom, mas eu comecei a dar aulas com 18 anos de idade e com isso criei uma fonte de renda, não me via pedindo dinheiro a minha mãe. Sempre tive como princípio que se quero algo tenho de correr atrás, sem depender de ninguém, não que o outro não seja importante, mas algo dentro de mim sempre me guiou nesse sentido. Depois de meses a pensar resolvi sair da academia do meu professor, pois não condizia com o que acredito que seja o Jiu-jitsu que no japonês significa Arte Suave, a pratica do fraco contra o forte. Cheguei a treinar em outro espaço mais sempre percebi que os ambientes mudavam, mais a perspectiva capitalista sempre foi à mesma, a mais valia é o objetivo comum.

Como amante do livros percebi que precisava me capacitar de alguma forma, depois de treinar muito e conquistar conhecimento em diversas áreas e

com essa sensação constante de não poder parar de estudar achei por bem voltar à universidade. Eu queria atender esses locais de resistência, mas com o curso de Relações Internacionais e com o Jiu-jitsu as pessoas não abriam as portas. Depois de passar por uma experiência em um Centro de Ensino Especial na cidade do Guará e na Asa Sul achei que a minha resposta a essa sociedade devia ser dada através do conhecimento, estudos. Ministrávamos aulas nesses espaços eu e minha companheira Michelle, apenas com a vontade de propiciar qualidade de vida e carinho íamos duas vezes por semana a esses espaços, mas as pessoas sempre criavam resistência. Nesse momento me inscrevi no vestibular da UnB, uma instituição de nome e que através dela eu conseguiria realmente ir atrás dos meus sonhos.

No ano de 2015 passei no vestibular e fui correndo atrás do meu sonho, fazendo amizade nos espaços da universidade, buscando informações sobre professores, com 34 anos não poderia ficar perdendo tempo. No final do ano peguei uma disciplina, Educando com Necessidades Especiais, onde conheci a professora Fátima Vidal. No final do semestre ela veio me convidar a participar do Projeto 4 fase 1 sob orientação dela, com isso conheci um grupo/ família/ projeto de extensão carinhosamente chamado de AUTONOMIA (Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras), onde mais uma vez nós fazemos esses elos que valem a pena citar de momentos que são marcantes em nossas vidas. Durante as reuniões da extensão foram citados locais que poderíamos estar auxiliando as pessoas que ali já atuavam, por acaso escolhi a comunidade Santa Luzia. No primeiro dia para conhecer o espaço percebi o quão importante foi passar por tudo o que passei na vida e naquele momento poder de certo modo retribuir/contribuir com carinho/ afeto a aqueles que

necessitam. Ao entrar no carro comecei a chorar de forma espontânea, natural, pela simplicidade que as pessoas se dispuseram a me recepcionar na comunidade. O que era para ser um encontro semanal virou dois e nas rodas de conversas com amigos de outros segmentos a comunidade era o assunto principal. Depois de um mês de atuação e muitas conversas dentro de casa, a minha companheira foi conhecer a comunidade e começamos nesse mesmo dia a fazer oficinas de Jiu-jitsu e Capoeira.

Minha esposa e eu praticamos modalidades totalmente diferentes, mas com perspectivas de trabalho muito parecidas, estamos na comunidade Santa Luzia há 5 meses e percebemos tamanha é a disposição dessas crianças em participar das oficinas. As aulas começaram a ser ministradas no CDC- Centro de Desenvolvimento da Criança e depois de um mês de aulas o espaço já não comportava a demanda, minha companheira foi a Secretaria de Esportes com a vontade/ ímpeto de sempre e conversou com a Secretária de Esportes (Leila), que já vem de uma bagagem no esporte e sabe como são as demandas, depois dessa conversa ela nos autorizou a utilizar as dependências do Centro Olímpico da Estrutural aos domingos das 9h:00” as 11h:00” para ministrar as oficinas. As oficinas sempre estão com muitas crianças e adolescentes, mas quem pensa que as aulas ficam apenas nas modalidades esportivas que se engana, toda semana trabalhamos um tema que é definido por todos que ali estão no momento. A magia da Pedagogia é essa, onde a todo o momento conseguimos através do diálogo propiciar possibilidades a essas pessoas que nada mais querem do que atenção, quando na maioria dos casos a violência dentro e fora de casa é o único assunto da comunidade. Nem por isso não deixamos de falar de violência, mas procuramos também mostrar

outros caminhos, nunca a negar a realidade enfrentada por eles/as, mas deixando uma semente de carinho/ afeto para que eles percebam que existem pessoas comprometidas com os próximos e que isso pode ser compartilhado também por eles/as.

## Parte II – Monografia

### Introdução

Com as primeiras visitas a Comunidade Santa Luzia percebi como as crianças e adolescentes precisavam de mais atividades, pois a comunidade possui poucos lugares para que sejam ofertadas, como as Igrejas, a Casa de Paternidade e alguns projetos que são desenvolvidos no local. A idéia foi construir junto a eles/as atividades que possibilitassem além da prática esportiva, um momento de diálogo, para que consigamos auxiliar em algo positivo para com esses sujeitos. Nos primeiros 4 encontros percebemos que o diálogo era muito importante para eles/as, ser ouvido também e que a relação afetiva era mais que necessária nesse primeiro momento. Esses sujeitos agarravam (literalmente) eu e minha esposa que também desenvolve um trabalho no local, que até para fazer as oficinas se tornava um dilema, pois quando soltava uma criança outra tomava o lugar. Quando deixávamos o local minha esposa e eu sentávamos para poder entender o que de proveitoso conseguimos desenvolver naquele dia, mas o jiu-jitsu e a capoeira nunca era o objetivo real, o momento de cuidado e escuta com eles/as sempre foi o tema norteador de nossas conversas. Com o passar do tempo percebemos como a relação entre eles/as vinham melhorando consideravelmente, pois a questão do respeito com o espaço do outro era muito dificultoso no início das oficinas. Isso se tornava a cada encontro muito significativo porque algumas crianças começaram a questionar outras quando uma criança estava a falar e outra a interrompia sem o devido respeito do momento da escuta, meu corpo era

tomado por uma energia que é inexplicável pelo orgulho que eu sentia de todos/as eles/as.

Nas oficinas de jiu-jitsu nos momentos de conversa sempre era discutido o respeito que uns deveriam ter com os outros nos momentos de fala e escuta, o termo disciplina foi dito varias vezes e tive o cuidado em trabalhar sobre o significado de não submissão. Então surgiu a ideia de buscar no dicionário um significado para a palavra que não remetesse a militarismo, obediência, submissão, mas que objetivasse a eles a não só naquele momento e no dia a dia conseguir fazer essa inferência a outras situações. No Minidicionário Escolar Português buscamos o significado de disciplina e fomos juntos desconstruindo e juntos demos um significado, sendo a capacidade de se manter focado nas tarefas necessárias para concretização de uma meta sem se desviar e perder a motivação. Esse momento foi muito especial, pois na leitura eles perguntavam sobre questões do esporte e faziam relação com a palavra, à pergunta era: professor, submissão não é no jiu-jitsu quando alguém desiste e não pode mais lutar? Isso vindo de uma criança de 10 anos (Erick) era muito gratificante, entretanto mostrávamos que sim, na luta era momento de interromper, mas que como na vida existem os momentos de pausas e que não podem ser compreendidos como que se eu perdi acabou. Que agora, deveria pensar nas possibilidades para que os erros não acontecessem para que outros resultados pudessem ser atingidos.

Com o passar do tempo e do contato direto com essas crianças e seus familiares fomos conhecendo a realidade enfrentada e com a ajuda de inúmeras pessoas começamos a fazer arrecadação de alimentos, roupas, brinquedos, itens que ali tomavam um significado ainda maior na vida da minha



família. Tivemos mais de 40 encontros e na grande maioria deles estavam presentes minha companheira Michelle, meu filho Rian e com esses momentos percebi a mudança que esse espaço teve com a nossa presença e o que de importante foi para dentro do nosso lar. A importância dos alimentos para eles era tamanha que ficou nítido que eles pouca importância davam aos brinquedos, essas leituras precisamos vivenciar na prática, pois em muitos momentos o coração estava tomado por essas questões que cortavam ele de diversas formas. Um aluno (Talysson) ao ter maior contato conosco nos questionou o porquê de estarmos ali todos os domingos se tínhamos dinheiro, foi muito forte a pergunta e de forma natural respondi que para nós eles eram muito importantes! Surgiam a todos os momentos perguntas que eram surpreendentes e que me fazia ao chegar em casa conversar ainda mais com a minha esposa e buscar através do estudo compreender o que nós (sociedade) estávamos fazendo com essas pessoas que não dispõem de oportunidades para emergirem socialmente. Quando falo emergir é porque eles vivem fora dessa bolha que se tornou a capital da esperança construída por Juscelino Kubitschek e que ficou apenas no sonho, fazendo até alusão a John Lennon , sonha que se sonha só é só um sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade.

Nesses 7 meses de idas e vindas a Comunidade Santa Luzia vários amigos/as foram conosco as oficinas, amigos/as de outras cidades do Distrito Federal, e que a pergunta foi à mesma que fiz na primeira visita, eu não sabia que existia “isso” na Capital Federal. Nossa preocupação é que com esse fim do lixão da Estrutural o que será dessas pessoas que na sua grande maioria trabalham como catadores/as, indo mais longe, fala-se que o Governo

irá fazer ali nos arredores do Parque Nacional uma nova área do Minha Casa Minha Vida. Com esses movimentos que cercam essas pessoas nos meus momentos de leitura, fui buscar em Marx algumas das respostas às inúmeras perguntas que me permeiam, onde essa relação de trabalho desumano e com a possível mudança dessa Comunidade de mais de 15.000 habitantes. Nessas leituras, no livro Marx e a Pedagogia Moderna, Manacorda cita Marx dizendo que

É verdade que, ao discutir tal relação, Marx emprega, às vezes, também o termo trabalho junto ao de vida produtiva ou atividade vital humana, mas em geral, o faz exatamente para especificar que essa atividade, que como atividade livre consciente, é o caráter específico do homem, se encontra, nas condições da economia política, degradada, a meio para satisfação de uma necessidade. (Marx apud MANACORDA, pág. -230-1).

Quando pensava sobre o que escrever nesse momento tão especial que é o final do curso de Pedagogia e a continuidade de aprendizagens e possibilidades frente a esses dilemas que a vida nos proporciona, percebi que tinha o dever moral de falar sobre essa história de mais de 20 anos de existência/ inexistência. Aonde vou levo a Comunidade Santa Luzia comigo, falo para todos que essas pessoas existem, que são maravilhosas e estão literalmente a margem da sociedade. Sei que sou um grão nesse imenso/ vasto mundo, mas que a cada dia me fortaleço mais e que essa vontade intermitente de mudar/ transformar/ criar possibilidades cresce a todo o momento e que esses sujeitos nunca serão esquecidos e que todos saibam, SANTA LUZIA VIVE!

Para apresentar essa discussão o trabalho monográfico está dividido em 5 capítulos. No primeiro capítulo situamos onde e o que é a Comunidade Santa Luzia, destacando algumas ações comunitárias e exemplificando o que é o jiu-jitsu. No segundo capítulo foi proposto no referencial teórico à discussão dos

autores Michel Foucault e Paulo Freire. No terceiro capítulo temos os objetivos que nortearam a pesquisa. No quarto capítulo temos a Metodologia, como a pesquisa foi feita. No quinto capítulo contextualizamos como se deram as práticas das oficinas e concluímos com as considerações finais.

## CAPÍTULO I

### Onde e o que é a Santa Luzia?

Figura 1- Comunidade Santa Luzia



Fonte: Página do Rodrigo Abreu<sup>1</sup>

A 17 km do Palácio do Planalto e com mais de 18.000 habitantes existe uma comunidade que vive à margem da sociedade, algumas pessoas sob condições desumanas. Nascida de uma invasão na década de 1990 e nunca regularizada, a favela<sup>2</sup> vai se ampliando a cada ano e o número de pessoas crescendo de forma desenfreada. Nessa primeira parte foi difícil coletar dados da região, pois a comunidade encontra-se esquecida por quase todos os setores da sociedade, a não ser quando se relaciona às notícias do lixão, ou à violência desenfreada. Nesses 26 anos de “não existência” coletei dados de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://rodrigoabreupdt.blogspot.com.br/2015/08/estrutural-df-regularizacao-cada-vez.html> Acesso em Março de 2017.

<sup>2</sup> Essa denominação da Santa Luzia em todos os momentos deixa essa dúvida, pois os moradores chamam o espaço de Favela e quando falamos Comunidade eles acham engraçado.

uma matéria da internet<sup>3</sup>, evidenciando o esquecimento. O termo favela é aplicado à região e sua definição é de

um território onde a incompletude de políticas de ações de Estado se fazem historicamente recorrentes, tem termos de dotação de serviços de infra-estrutura urbana (rede de água e esgoto, coleta de lixo, iluminação pública e limpeza de ruas) e de equipamentos coletivos (educacionais, culturais, de saúde, de esporte e de lazer) em quantidade e qualidade para as famílias ali residentes, na promoção da moradia digna para seus habitantes, na regularização fundiária e urbanística adequada as formas de ocupação do solo, na criação de legalidades afeiçoadas às práticas sociais e, em especial, na garantia da segurança cidadã, devido ao seu baixo grau de soberania quando comparado ao conjunto da cidade. Portanto, as favelas são, de modo geral, territórios sem garantias de efetivação de direitos sociais, fato que vem implicando a baixa expectativa desses mesmos direitos por parte de seus moradores. (SILVA, pág. 96)

Na favela Santa Luzia, pessoas vivem em barracos de madeira e casas simples da alvenaria, sem água potável, energia e/ou esgoto. Um dos locais mais abandonados da capital federal é vizinho do lixão da Estrutural sendo considerado o maior lixão<sup>4</sup> em atividade na América Latina. O Governo do Distrito Federal em cumprimento as normais técnicas nacionais e internacionais vem construindo aterros sanitários para poder armazenar e tratar de maneira adequada às toneladas de lixos recolhidos diariamente. Essa questão faz toda diferença na qualidade de vida das pessoas, pois os aterros sanitários são espaços onde o solo foi estudado e preparado para receber esse lixo, diferente do que aconteceu historicamente na cidade Estrutural que ocorreu o vazamento de gases na escola construída em cima de depósitos de lixo. No ano de 2012 a Escola Classe 1 da Cidade Estrutural foi interditada pelo corpo de Bombeiros Militar do DF e pela Defesa Civil pois estava com vazamento de

---

<sup>3</sup> <http://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1636204-favela-com-12-mil-pessoas-cresce-a-17-km-do-palacio-do-planalto.shtml> Acessado em 28/08/2016 as 19:30

<sup>4</sup> O prazo para extinção dos lixões foi determinado pela Lei Nacional de Resíduos Sólidos em 2 de agosto de 2010, com limite de 4 anos para ser cumprido. Pela lei, todas as cidades devem adequar sua gestão do lixo as regras da Política Nacional de Resíduos SÓLIDOS (PNRS), que determina ações como a extinção dos lixões no país, além da implantação da reciclagem, reuso, compostagem, tratamento de lixo e coleta seletiva nos municípios.

gás metano. A escola foi construída em cima de um antigo aterro de lixo. O interessante é analisar como foi feita essa construção em um estudo prévio das condições do terreno, descaso com a sociedade e dinheiro público.

Figura 2 – Escola com vazamento sendo monitorada a sua emissão de gases



Fonte: Correio Braziliense<sup>5</sup>

Na Santa Luzia a maioria das pessoas trabalhavam até o início deste ano, como catadoras no lixão, expostos a contaminação por doenças, contato com materiais hospitalares que ali chegam, ratos, tráfico de drogas, violência desenfreada e tudo de ruim que podemos imaginar. Atualmente o problema enfrentado se dá por todos os lados. Com a desativação do lixão, como essas famílias irão sobreviver? Com a especulação imobiliária na região, pois a Santa Luzia se encontra perto do centro de Brasília onde a desocupação se faz mais que necessária, o que fazer com essas famílias? Frequentemente pessoas da comunidade estão sendo sondadas por funcionários da CODHAB – Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal no intuito de que será feito um remanejamento de locais da Santa Luzia para que prédios do Minha Casa

<sup>5</sup> Disponível em:

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/02/09/interna\\_cidadesdf,572207/escola-na-estrutural-volta-a-funcionar-apos-anos-de-interdicao.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/02/09/interna_cidadesdf,572207/escola-na-estrutural-volta-a-funcionar-apos-anos-de-interdicao.shtml) Acesso em março de 2017.

Minha Vida<sup>6</sup> sejam construídos e que essas famílias serão alocadas nessas novas instalações. O questionamento feito nas reuniões organizadas pelos líderes locais se dá no sentido de que nem barracos eles conseguem construir, imagina agora ter que pagar por apartamentos. Eles até citaram que o problema sairia da favela horizontal para favela vertical, pois foi salientado por esses funcionários que seriam entregues os prédios sem nada dentro das instalações, uma caixa vazia a ser preenchida. Esses movimentos que antes eram apenas boatos, hoje estão cada vez mais presentes, deixando os moradores apreensivos e sem saber o que fazer.

A história da comunidade é feita de lutas, essas travadas a todo o momento, pois eles são taxativos, depois de 20 anos no local não sairão, sem antes lutar. Hoje o medo impera, pois numa memória recente (1998<sup>7</sup>) já aconteceu um massacre na região, inicialmente anunciada como ação policial de combate a falta de segurança na Estrutural, a Operação Tornado, foi considerada criminosa pelo Ministério Público do Distrito Federal (MPDFT). Depois da morte de um policial militar por um morador da região, aproximadamente 1,5 mil policiais militares participaram da operação e desse total 12 foram há julgamento 17 anos depois, pela morte de 3 pessoas e a tentativa de homicídio de mais 2, naquele todos foram absolvidos. Na comunidade a história foi contada de outra maneira, pois eles citam que morreram dezenas de pessoas, levadas pela polícia e que nunca mais foram encontradas. Algo precisa ser feito por essas pessoas, que vivem literalmente como alienígenas, numa bolha e necessitam literalmente de auxílio. Eles vivem,

---

<sup>6</sup> É um programa do Governo Federal que busca facilitar a conquista da casa própria para as famílias de baixa renda.

<sup>7</sup> [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/29/interna\\_cidadesdf,496538/justica-absolve-policiais-acusados-de-participarem-do-massacre-da-estr.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/29/interna_cidadesdf,496538/justica-absolve-policiais-acusados-de-participarem-do-massacre-da-estr.shtml)

são pessoas em sua grande maioria trabalhadora e que precisam ser assistidas pelo Estado, não apenas descartadas como parte do desmonte do lixão. Sou contra o povoamento desenfreado em qualquer região, mas se políticos assim quiseram e mantiveram por anos, hoje quem está compondo essas cadeiras políticas não podem apenas deslocar o dito problema de região. Problemas existem em todas as esferas e devem ser combatidos de forma decente e honesta.

### **1.1 Ações comunitárias na Comunidade da Santa Luzia (Coletivo da Cidade, Ações religiosas, Casa de Paternidade)**

Nesses 7 meses de observações, visitas, acompanhamento dentro da comunidade Santa Luzia, fica nítida a importância de grupos com diferentes métodos e práticas, mas que no processo final objetivam um bem comum, ajudar as pessoas da comunidade. A forte influência das igrejas dentro da comunidade, ajudam a completar esse espaço onde o diálogo é pouco aproveitado no sentido de ouvir o outro, não fazendo juízo de valor sobre questões religiosas, ideológicas, mas destacando que esses ambientes são importantes como fonte de possibilidades à comunidade, inserida em um espaço de violência. Indo um pouco mais adiante faço uso das palavras de SPINOZA (2013) para reforçar essa relação, onde “a saber, que todos os homens nascem ignorantes das causas das coisas e que todos tendem a buscar o que lhes é útil, estando conscientes disso”. Muitas se doam de tal forma aos trabalhos da igreja que muitos não conseguem nem estarem



presentes dentro de suas casas, vários alunos das nossas oficinas sempre reclamam que os/as pais/mães vivem nas vigílias e no outro dia eles não vão à escola. Presenciei inúmeras atividades propostas por essas igrejas, muitas com teatros, rodas de conversa, lanches comunitários e momentos de brincadeiras. As pessoas da comunidade são muito religiosas e acreditam através dessa Fé que o poder da igreja se faz necessário para enfrentar esses dilemas que a vida proporciona, nas conversas com os moradores percebi o quanto é importante para elas acreditar que essas mudanças serão feitas através das orações, rezas, preces e que o poder divino trará a salvação para essa vida sofrida. Muito desses espaços religiosos oferecem refeições para os moradores, os famosos sopões, que muitos da comunidade enfrentam uma dificuldade e com a oferta dessas refeições conseguem enfrentar o dia a dia de luta na separação do lixo.

O Coletivo da Cidade Estrutural vem com uma proposta para os jovens/adolescentes, trazendo dentro do seu espaço de trabalho momentos de conversa, filmes, temas combinados entre os sujeitos presentes sobre a violência dentro da comunidade e também fora dela. Esse espaço oferece a esses sujeitos aulas de reforço, momentos musicais, onde o poder do Rap nesses espaço de resistência não pode ser deixado de lado. Conversando com uma das pessoas que faz um trabalho dentro desse espaço, ela destacou como é nítida a mudança das pessoas que ali participam das atividades, não que o espaço faça milagres, mas que as pessoas conseguem ler o mundo de outra forma e indo atrás dos sonhos. Essa passagem é interessante, pois a maioria das pessoas da comunidade acreditam que essa vida não precisa de mudanças, que por serem pobres economicamente não precisam fazer outra

coisa senão em razão do trabalho. Percebem que a luta se faz necessária, mas que o enfrentamento das dificuldades se faz necessário para que as mudanças ocorram. Usando uma frase que Paulo Freire sempre cita, o coletivo mostra o poder da comunhão das pessoas, “Ninguém liberte ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Esse espaço além de ser muito atuante na cidade Estrutural também vai a comunidade Santa Luzia para poder auxiliar os adolescentes nesses momentos de diálogos.

No próprio site do coletivo eles destacam que é

“uma entidade localizada na Cidade Estrutural (DF) e atua basicamente com o atendimento de crianças e adolescentes no contra turno escolar oferecendo alternativas artísticas e educativas como meio de transformação social, além de ser importante espaço de convivência comunitária e capacitação profissional para os demais moradores da cidade”. (<https://coletivodacidade.wordpress.com/sobre/>)

Dentro de todos esses espaços de resistência, a Casa de Paternidade destaca-se como referência, onde qualquer pessoa que você pergunta pela rua conhece o trabalho ali desempenhado. Nesses 6 anos de existência os moradores da Comunidade Santa Luzia sempre que necessitam de algo vão até lá para pedir ajuda, seja na questão de alimentos, ou mesmo quando é necessário que ocorra uma intervenção com a polícia. Nascida no anseio das mães que precisavam de um espaço que acolhesse seus filhos enquanto fossem trabalhar, a Casa de Paternidade desempenha várias ações não só para com aqueles que seus filhos por ali ficam, mas dando auxílio a todos os moradores que necessitam de algum modo de ajuda. Nas primeiras visitas que participei, percebi o tamanho que era o papel exercido por todos/as que ali estavam e além disso o cuidado para com aqueles que de certo modo precisam de uma atenção especial, um espaço de escuta dos sujeitos.

## 1.2 Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC) / Casa de Paternidade

Figura 3 – Centro de Desenvolvimento da Criança



Fonte: Facebook<sup>8</sup>

O CDC, Centro de Desenvolvimento da Criança, ou para muitos, Casa de Paternidade<sup>9</sup>, tem um papel crucial na Comunidade Santa Luzia. Há 6 anos um grupo de mães junto a algumas pessoas de fora da comunidade sabiam da necessidade das pessoas da comunidade para arrumarem emprego e, indo mais além, com quem deixar as crianças. Algumas pessoas falam que lá é uma creche, outras chamam de espaço de convivência, mas o que interessa é o movimento pró-infância que surgiu ali. Quando conheci o espaço pensei que fosse como outro que funciona para tal fim, mas no primeiro contato e presenciando a realidade da comunidade, logo vi que não, pois ali estava um espaço real de resistência. As educadoras/ mães que cuidam das crianças fazem um importante trabalho com as crianças, trabalho esse de possibilitar momentos prazerosos para além da realidade enfrentada dentro das suas casas. A casa recebe crianças de 4 meses a 5 anos e atende por volta de 25

<sup>8</sup> Disponível em [www.facebook.com/alinealbernaz](http://www.facebook.com/alinealbernaz) Acesso em março de 2017

<sup>9</sup> Casa de Paternidade, nome que chama a atenção pelo fato do espaço ser majoritariamente gerido por mulheres. O nome foi escolhido porque as mulheres na grande maioria desempenham o papel de pai/mãe e com isso se deu a escolha do nome.

crianças das 06h:30' da manhã às 18h:30' da noite. As crianças recebem café da manhã assim que chegam, uma fruta às 9h:00', almoço às 11h:30', lanche às 15h:00 e o jantar antes de as mães/ pais/ responsáveis irem buscá-las.

O espaço funciona com responsáveis para organizar as doações feitas, um grupo de voluntários cuida dessa parte, conseguir verba, cestas básicas, roupas, tudo o que for necessário para o bom funcionamento da casa. As mães ficam por conta das crianças, limpeza do espaço e alimentação. Dentro dessa perspectiva de criar possibilidades, as pessoas da casa levam as crianças da comunidade a passeios em diversos locais para que saiam e conheçam esse outro mundo. O objetivo inicial seria de mostrar para essas pessoas que elas são capazes, principalmente essas mães que sofrem diariamente pela realidade de descaso e abandono. Com o passar desses 7 meses percebo o crescimento das pessoas que ali compõem o espaço e também daquelas que direta ou indiretamente tem contato com a casa. Dentro da comunidade Santa Luzia não notei outro espaço que fosse tão crucial para fortalecer/ possibilitar esse movimento de resistência para o enfrentamento diário dos problemas que a vida proporciona sobre essas pessoas sem condições básicas nenhuma.

Algumas das mães/ voluntárias que conheci há 7 meses atrás saíram da casa de Paternidade e foram juntas fundar espaços que possibilitem mudanças para outras crianças, só que com alguns olhares diferenciados ao proposto. Fiquei muito feliz em perceber que o crescimento delas como mulheres fortes que são, qual a necessidade de se alcançar outros vãos, os quais a vida proporciona a cada pessoa. No primeiro momento quando soube de alguns afastamentos fiquei um pouco triste, mas ao encontrar com elas e ver, assim, novos espaços de cuidado da infância surgem na Santa Luzia, fiquei

impressionado com o poder que essas mulheres possuem. Questionaram-me varias vezes, ali só conseguem receber 25 crianças e o restante da comunidade? Elas perceberam que são capazes de fazer um trabalho, nem melhor, nem pior, mas que também possibilitem oportunidades a outras crianças. Isso é o máximo!

### 1.3 Jiu-jitsu - A “Arte Suave” e seu caminho no desconhecido

Figura 4 – Jiu-jitsu



Fonte: wikipedia<sup>10</sup>

Várias são as hipóteses do surgimento dessa defesa pessoal, alguns pesquisadores citam que surgiu na China, outros na Índia, mas o que mais se têm de evidências, mostram que a Índia seria o solo de surgimento da arte. A pesquisadora Thais Pacievitch<sup>11</sup> cita que o Jiu-jitsu é uma arte marcial com origem incerta, consta-se que com as trocas comerciais que eram feitas entre os monges budistas e os mercadores, as viagens até esses pontos de trocas muitas das vezes se fazia um perigo eminente, onde saqueadores ficavam a espreita. Como o caminho para se tornar monge era muito longo e árduo em questão de meditações e privações, a possibilidade de se criar alguma forma

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jiu-jitsu> acesso em março de 2017

<sup>11</sup> <http://www.cbjj.com.br/>

de defesa se fazia necessário. Sensei G. Koizumi<sup>12</sup> mostra que a arte foi criada para autopreservação, deixando claro que algumas histórias caminham paralelas, para que esses monges pudessem se defender, onde a prática se fazia de forma sigilosa, não podendo ser ensinadas do lado de fora dos templos. A literatura mostra que alguns documentos se perderam e até mesmo pelo fato da disciplina e por serem muito reservados, os documentos escritos deixam sempre algumas dúvidas a respeito de alguns pontos.

Em um segundo momento essa arte chegou à China, muitos dizem que a influência dos monges foi de extrema importância para essa migração da modalidade. No terceiro momento chegou ao Japão, onde teve forte influência nas práticas de combate feita pelos samurais, a modalidade teve uma forte influência onde algumas de suas práticas foram desmembradas, o judô de Jigoro kano, aikido. Muitos pesquisadores japoneses costumam destacar que a arte suave (ju jutsu) surgiu no Japão, mas isso se deve as dificuldades de escrever acontecimentos históricos, onde os pesquisadores com forte nacionalismo costumam levar em consideração o seu ponto de vista, sem antes pesquisar por outras fontes fora do seu âmbito de experiência. A parte completa do jiu-jitsu, combate de luta corpo a corpo, espadas, bastões, imobilizações, estrangulamentos, torções, teve o seu crescimento nesse momento. Os samurais sempre se destacaram por forte treinamento e empenho para conseguirem buscar o caminho da perfeição, não acreditavam que esse caminho teria um objetivo real a ser atingido, então trabalhavam em cima dessa utopia de aperfeiçoar todos os dias os treinamentos. A luta principal dos samurais era para defender o imperador, mas muitas das vezes lutavam

---

<sup>12</sup> <http://www.gracieacademy.com/pt/history.asp>

contra os mercenários (Ninjas) que através do lado oculto, traição buscavam através de pagamentos cumprir missões desleais. O samurai vivia em prol do seu mestre e do imperador do Japão, quando acontecia de o mestre do samurai morrer ele se tornava um Ronin, que era considerado desonroso. Se por algum motivo o mestre tiver sido morto de forma desleal, combate não justo, o agora Ronin iria lutar para limpar o nome do seu mestre. Se cometesse algum falta que para eles fosse desonrosa, perder um combate, desobedecer às ordens do mestre ou imperador, cometia o Sepulco, tirar a própria vida para libertar o espírito da desonra.

No Brasil o jiu-jitsu chegou no ano de 1912<sup>13</sup> com o conde koma, que desembarcou no Pará e foi dar aulas, um dos seus alunos foi Carlos Gracie. Carlos ministrava aulas e em um dia atípico não chegou a tempo e seu irmão Hélio Gracie que era asmático e na época não podia fazer atividades físicas por recomendação médica ministrou a aula com maestria. Ele foi um percussor nos golpes e criou os sistemas de alavanca, onde por ser muito franzino tinha que criar mecanismos para poder desestabilizar seus adversários que eram maiores. A família Gracie se apoderou das técnicas, aperfeiçoou-as e criou o brazilian jiu-jitsu (ou jiu-jitsu Gracie), onde através de lutas clandestinas (antigo vale tudo e atualmente chamado de MMA Mixed Martial Arts), praticadas muitas vezes até mesmo nas ruas, veio através desse processo alavancar a modalidade mundialmente. O jiu-jitsu Gracie teve a maior visibilidade quando o filho de Hélio Gracie que se chama Rorion Gracie criou um desenho de uma área de luta em forma de octógono. A idéia foi comprada por um grupo de empresários que acreditaram no projeto e pagaram U\$ 1.000.000,00, esse

---

<sup>13</sup> <http://www.graciebarra.com/br/sobre-a-gracie-barra/jj-gb/historia/>

projeto era o UFC - Ultimate Fighting Championship. Quando a modalidade foi para a mídia televisiva, muitos viam outro filho de Hélio, chamado Royce Gracie lutar com lutadores às vezes até com o dobro do seu peso, ele franzino de kimono ganhar a luta com essas técnicas que muitos não conheciam. Naquele momento a modalidade que antes era apenas defesa pessoal ganhou o povo brasileiro e foi o grande momento da arte do Brasil. O problema do crescimento é que este não vem acompanhado com qualidade, muitas pessoas praticam mas não sabem o que é o jiu-jitsu essência (defesa pessoal), ou o jiu-jitsu esportivo (regras). A diferença é que a defesa pessoal existe para defender a vida, no modo esportivo o atleta pode pedir a qualquer momento para parar a luta, seja falando ou dando o famoso 3 tapinhas no adversário e até mesmo se o árbitro de luta perceber que alguma posição possa machucar o atleta ele tem a autoridade de interromper o combate.



## CAPÍTULO 2

### **Já não sou como era antes, a resiliência em ação**

Ao definir que linha o trabalho de conclusão seguiria, pensei inúmeras vezes em destacar com o materialismo histórico dialético essas questões que perpassam a Comunidade Santa Luzia e o CDC. Ao longo dos diversos diálogos que pude desfrutar com a professora/ orientadora Fátima Vidal Rodrigues, ela questionou o porquê de não fazer essas referências fazendo um paralelo com as teorias de Michel Foucault. No primeiro momento tive aquela incerteza que ao longo das leituras eu sinto quando tenho contato com algo desafiador, pois eu já havia lido livros de Michel Foucault, como *Arqueologia do Saber* (2014), *O Nascimento da Clínica* (2011) e estava a terminar o livro *Vigiar e Punir* (2014). Parecia que aquela energia positiva que conduz a minha vontade incessante de compreender como se dão essas relações sociais e procurar através das leituras, mecanismos de possibilitar a sociedade algum retorno a tudo aquilo que eu vinha a vivenciar ao longo desses 7 meses estava perfeitamente se encaixando.

Compreender como essas relações entre a Comunidade Santa Luzia/ CDC e o mundo exterior que vive fora dessa bolha social que envolve aquele espaço acontecem, era no primeiro momento entender como Foucault (2014) cita que [...] “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” [...] (FOUCAULT, 2014, pág. 134) Ao longo dessas visitas/observações percebi a angústia dessas pessoas que em sua grande maioria vivem a mercê dessa sociedade capitalista que os

explora e que no processo final os descarta. Cito essa questão porque as pessoas são catadoras de lixo, mas com o fim do lixão da estrutural com toda a certeza essas quase 18.000 pessoas não ficarão morando naquela região, fato esse que já existe um processo de preenchimento de fichas feito pelo Governo do Distrito Federal para poder dispô-los em habitações do Minha Casa Minha Vida na região do entorno do DF. A todo o momento eu percebo como as pessoas que ali vivem/sobrevivem estão definitivamente confinadas ao silenciamento, inúmeras vezes as crianças reclamavam do tratar para com elas dentro dos espaços escolares, seja pelo fato de estarem com os pés sujos de lama, ou muitas vezes por serem taxadas de violentas. Entretanto penso, como viver dia após dia sendo açoitado por palavras e não conseguir se defender dessa injustiça que os acomete? Com essas relações de poder postas, ao fazer a leitura de Vigiar e Punir (2014), percebi o quanto que essa estrutura está determinada a não deixar essas pessoas saírem dessa margem que os bloqueiam, fazendo uso das palavras de Foucault

(...) a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeira estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (...) (FOUCAULT, 2014, pág. 136,)

Achei importante destacar no referencial teórico essa passagem, porque na construção dos objetivos específicos do presente trabalho eu havia feito uso do termo disciplina, querendo dar um significado da capacidade de se manter focado nas tarefas necessárias para concretização de uma meta sem se desviar e sem perder a motivação. Não me sentia ingênuo a ponto de esquecer

esse equívoco, mas a construção de subjetividades junto a essas crianças também diz respeito às mudanças que busco para a minha pessoa, Foucault (2014) destaca que o corpo entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Através desses meios de dominação essas relações de poder são exercidas/ perpetuadas, as possibilidades de resistência ficam cada vez mais difíceis, entretanto, com esse trabalho de grão em grão consegue-se ressignificar e mostrar que mesmo frente a todas as dificuldades ainda acreditamos nas mudanças das pessoas.

Dentro das oficinas nas rodas de conversas sempre questionamos os/as participantes a perceberem que as relações de poder podem estar estabelecidas, mas que existem mecanismos de resistência e indo um pouco mais adiante, que a luta é árdua e contínua. Partindo desse princípio, de propor espaços onde esses sujeitos de algum modo tenham um diálogo aberto, com dinâmicas que os envolvam e pensando no espaço do Centro olímpico da Estrutural que é dirigido por pessoas ligadas a partidos políticos. Essa parte me pôs a pensar sobre o que Foucault chama de localizações funcionais,

(...) onde a regra vai pouco a pouco, nas instituições disciplinares, codificar um espaço que a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos. Lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil.(...) (FOUCAULT, 2014, pág.141).

Destacando que as dificuldades sempre vão existir, mas que existem pessoas que estão dispostas/ compromissadas com mudanças e prontas a ajudar. Em algumas situações acredito ser necessário ir para a luta direta, manifestando e deixando de lado a docilidade. Como escreveu Ernesto Che Guevara na sua carta antes de ser executado na Bolívia lida na praça de Havana por Fidel Castro

“Se alguma vez tiverem de ler esta carta, será porque eu não estarei entre vocês... Seu pai foi um homem que age como pensa e, claro, foi leal com suas convicções... Sobretudo sejam sempre capazes de sentir no mais fundo de vocês qualquer injustiça, cometida contra qualquer um, em qualquer parte do mundo. É a qualidade mais linda de um revolucionário”. (NETO,1980, pág. 20)

Na Santa Luzia os espaços de resistência se configuram como espaços de micro-revoluções, pois todos estão cientes da luta diária para sobreviver nessa sociedade que produz desigualdades. O senso de Comunidade que existe, esse acolhimento entre os moradores nessa caminhada de luta para simplesmente sobreviver faz desse local um importante ambiente para promover interações que deveriam acolher outros espaços do Distrito Federal. Na construção dessa realidade dos mecanismos de manipulação da massa, Foucault (2014) descreve que [...] A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas. [...] (FOUCAULT, 2014, pág. 139) Mesmo na Comunidade não existindo nitidamente essa cerca, percebemos o quão difícil é para essas pessoas saírem da comunidade a não ser para ir ao lixão, pois nem endereço eles possuem. Possuem números na frente das casas, mas ninguém consegue saber onde fica cada quadra e sendo muito mais fácil citar os endereços pelo nome dos moradores. Quando Foucault (2014) cita na arte das distribuições que [...] 1) A disciplina às vezes exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve o grande “encarceramento” dos vagabundos e dos miseráveis; houve outros mais discretos, mais insidiosos e eficientes. [...] Percebi com essa leitura como é nítida as/os formas/mecanismos de manipulação aos quais estamos postos, porém os espaços de resistência

devem existir para evidenciar que existem possibilidades e pessoas dispostas a fazer mudanças.

Dialogando com autores que possibilitam formas de pensar como esses movimentos constantes de dominação são a todo tempo reestruturados, fielmente reforçados, busquei também em Paulo Freire dialogar com esses entendimentos. Ao refazer inúmeras vezes as leituras das obras Paulo Freire busquei iniciar essa conversa com algo que já destacasse uma linha tênue em relação ao início do diálogo com Foucault. Em *Pedagogia do Oprimido* (2014), Paulo Freire cita que em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Os métodos da opressão não podem, contraditoriamente, servir a libertação do oprimido. Ao fazer a leitura especificamente desta parte do livro lembrei das oficinas com os/as adolescentes, pois inúmeras vezes o assunto era o acolhimento deles nas escolas. A dificuldade que envolve o simples fato de ir já mostra como eles/elas são vencedores/as, citando exemplos que foram ditos nas oficinas, o ônibus não passa diariamente pelo mesmo percurso e eles tem sempre que literalmente adivinhar onde esperar. A entrada na escola é a pior possível, a comunidade não possui asfalto então na época da chuva é lama, na seca a poeira e eles estão sempre sujos. Os/As professores/as sempre questionam mesmo que o problema será recorrente, não buscam soluções para a situação e sempre são taxados por morarem em uma comunidade violenta.

Como esses discursos repetidos dos opressores acabam por ressignificar o modo de vida dos oprimidos, quando nas oficinas essas crianças e adolescentes repetem e repetem que em/na casa/escola o discurso sempre é

o mesmo, projeto de bandido. Construir coletivamente que eles são capazes e possuem habilidades das mais variadas foi um processo de mudanças que resultaram no que hoje percebemos nitidamente nas oficinas. Todos/as percebem que existe sim dentro das mais diversas dificuldades formas de enfrentar, ou até mesmo recuar, para que consigam lidar com quaisquer situações no meio social. Paulo Freire enfatiza o discurso de um líder camponês

É impressionante, contudo, observar como, com as primeiras alterações numa situação opressora, se verifica uma transformação nesta autodesvalia. Escutamos, certa vez, um líder camponês dizer, em reunião, numa das unidades de produção (asentamiento) da experiência chilena da reforma agrária: "Diziam de nos que não produzíamos porque éramos borrachos, preguiçosos. Tudo mentira. Agora, que estamos sendo respeitados como homens, vamos mostrar a todos que nunca fomos borrachos, nem preguiçosos. Éramos explorados, isto sim", concluiu enfático. (FREIRE, 2014, pág. 70)

Esse foi o objetivo principal das oficinas, mostrar que existem sim dificuldades, para todos/as, mas que a resistência deve existir e que para além disso somos todos capazes de construir algo de produtivo para nós e também para a sociedade. Esses mecanismos de autodestruição que o modo de vida capitalista nos corta a todo o momento dificultam muito o trabalho de qualquer pessoa. Nas oficinas sempre discutimos sobre essa relação do Ter/ Ser, os discursos sempre remetem a questão de precisar estudar para ganhar dinheiro, preciso trabalhar para ganhar dinheiro e o dinheiro é o objetivo geral fomentado na vida deles. Conversamos com eles sobre essas relações mostrando para eles como a ida de muitos para o tráfico de drogas passa por essa construção, pois muitos largam a escola cedo, outros não conseguem emprego porque a comunidade não possui endereço e as empresas não aceitam e com isso a

“vida fácil”<sup>14</sup> está bem a sua porta. Daí surgem os questionamentos de sempre, o que vocês fazem aqui na comunidade? Quanto recebem para estar aqui dando as aulas? Vocês não tem nada para fazer? Desses questionamentos construímos com eles/as que estamos ali recebendo muito mais do que o dinheiro pode nos pagar, pois o carinho e o compromisso de todos/as conosco não existe dinheiro nenhum no mundo que pode pagar.

Na construção das oficinas não existe um planejamento a ser seguido, no início tentei inúmeras vezes esse método de trabalho, mas as demandas da comunidade que são muitas na maioria das vezes ditam os encaminhamentos. Quando esse processo de ensino aprendizagem acontece e a participação das crianças/ adolescentes acontece de forma natural sinto aquela sensação de colheita de um plantio que já está por dar frutos. Paulo Freire (2014) diz

(...) É por isso que o educador progressista, capaz e sério, não apenas deve ensinar muito bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica em que é uma presença. É por isso que, ao ensinar com seriedade e rigor sua disciplina, o educador progressista não pode acomodar-se, desistente da luta, vencido pelo discurso fatalista que aponta como única saída histórica hoje a aceitação, tida como expressão da mente moderna e não “caipira” do que aí está porque o que está aí é o que deve estar. (FREIRE, 2014, pág. 49)

O poder da palavra é real, mas a escuta e o cuidado com os sujeitos também é importantíssimo nesse processo de construção das possibilidades que essas crianças/ adolescentes terão como forma de lutar frente todas as dificuldades que a vida nos impõe. Destacar o quão importantes são para a sociedade, não ditando o que é a verdade, ou até mesmo a minha verdade, mas auxiliando-os nesse processo de construção dessas formas de ler o mundo. As mudanças se

---

<sup>14</sup> Vida Fácil no sentido de em cada esquina os traficantes estão a aliciar as crianças da comunidade, porque da fácil não tem nada, onde o percurso é sempre o mesmo, ou ir preso, ou morto.

tornam possíveis quando acreditamos nelas, Freire (2014) cita que nas leituras do texto *Pedagogia da Indignação* se alguém o perguntar, com irônico sorriso, se acho que para mudar o Brasil, basta que nos entreguemos ao cansaço de constantemente afirmar que mudar é possível e que os seres humanos não são puros espectadores, mas atores também da história, direi que não. Mas direi também que mudar implica saber que fazê-lo é possível. As palavras de Paulo Freire remetem sempre a ter um sonho, viver uma utopia e ter um projeto. As mudanças além de serem necessárias são possíveis, estamos aqui a escrever por acreditar nelas.

Na construção dos caminhos a serem percorridos pelo projeto até a escrita do TCC, passei por inúmeros professores, algo muito criticado dentro dos espaços, mas que eu planejei desde a minha entrada no curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. Queria de fato conhecer o maior número de professores, aprender com todos/as eles/as e construir algo de interessante nesse percurso. A professora Fátima Vidal Rodrigues convidou-me a participar do projeto de extensão carinhosamente chamado de AUTONOMIA (Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras), coincidência ou não, busquei no livro de Paulo Freire *Pedagogia da Autonomia* o fechamento para essa história de superação que acomete essa comunidade. Nas passagens do livro uma me chamou a atenção na participação de Paulo Freire em um encontro internacional de ONGs

(...) um dos expositores afirmou estar ouvindo com certa frequência em países do Primeiro Mundo a ideia de que as crianças do Terceiro Mundo, acometidas por doenças como diarreia aguda, não deveriam ser salvas, pois tal recurso só prolongaria uma vida já destinada à miséria e ao sofrimento. Não falo obviamente, desta ética. Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. Da ética que condena o cinismo do discurso citado acima, que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir



dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprira a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal. (...) (FREIRE, 2015, pág. 17)

Esse discurso apesar de ter sido exemplificado como dito por países de Primeiro Mundo, aqui no Brasil em todos os momentos percebemos como eles são usuais em alguns segmentos como, saúde, educação, segurança. Nessas dinâmicas feitas nas oficinas, dialogamos muito sobre essas questões e mostramos como Paulo Freire (2015) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Esses sujeitos docilizados compreenderão com as oficinas que existe sim resistência, possíveis de serem feitas, dificuldades, mas que essa sociedade capitalista irá a todo custo se manter no poder. Nas oficinas eu sempre repito para eles que a cada dia eu aprendo muito mais do que ensino, muitos até riem quando falo isso, mas eu sei o que eu era no começo do ano e o que sou agora. Faço uso das palavras de Freire (2015) para reforçar essa ideia, (...)“quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.(...) e continua (...) não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.(...) A mudança é difícil mas é possível em todos os segmentos, partindo desse princípio conseguimos sim mudar os espaços nos quais estamos inseridos com essa energia que cerca as pessoas que se dispõem com mudança social.

As pessoas possuem habilidades que algumas vezes até nos surpreendem, o percurso traçado para essas crianças/ adolescentes que vivem nesse contexto social de desigualdades foi objetivado através de diálogos para a compreensão e leitura de mundo. Não podemos almejar que o “sucesso” seja

alcançado, pois cada indivíduo possui sua forma de ver e interpretar o mundo. Quando percebemos como as mudanças realmente acontecem, seja através dos discursos, ou até mesmo das atitudes, isso realmente é o que importa. Essa passagem de Freire (2015) representa o que penso desses momentos de mudanças

Recentemente, ouvi de jovem operário num debate sobre a vida na favela que já se fora o tempo em que ele tinha vergonha de ser favelado. “Agora”, dizia, “me orgulho de nós todos, companheiros e companheiras, do que temos feito através de nossa luta, de nossa organização. Não é o favelado que deve ter vergonha da condição de favelado, mas quem, vivendo bem e fácil, nada faz para mudar a realidade que causa a favela. Aprendi isso com a luta”. É possível que esse discurso do jovem operário não provocasse nada ou quase nada o militante autoritariamente messiânico. É possível até que a reação do moço mais revolucionarista do que revolucionário fosse negativa à fala do favelado, entendida como expressão de quem se inclina para a acomodação do que para a luta. No fundo, o discurso do jovem operário era a leitura nova que fazia de sua experiência social de favelado. Se ontem se culpava, agora se tornava capaz de perceber que não era apenas responsabilidade sua se achar naquela condição. Mas, sobretudo, se tornava capaz de perceber que a situação de favelado não é irrevogável. Sua luta foi mais importante na constituição do seu novo saber do que o discurso sectário do militante messianicamente autoritário. (FREIRE, 2015 pág. 80)

Quando eles/as percebem a mudança e que existem sim possibilidades é o momento crucial do trabalho, pois conseguimos construir coletivamente o discurso de antes com a visão de mundo atual. Nas oficinas destacamos sempre que esse processo é contínuo, às vezes é meio contraditório. Quando se fala em estudar eles/as já pensam nas escolas tradicionalistas e logo falam que não querem esse tipo de vida, daí trabalhamos sobre o estudar para conhecimento próprio, sem menções, provas, cobranças e sim a busca incessante pelo novo. Começamos esse trabalho de ter prazer em ler, desbravar a internet também com assuntos interessantes para eles, como forma de dar significado e importância para a prática da leitura. Nesse momento da escrita do referencial teórico conversei com eles sobre os autores

que eu trabalharia para a escrita do texto, fizemos uma ficha catalográfica e eles gostaram muito da atividade proposta. O melhor de tudo foi ser comparado ao Paulo Freire, quando falávamos sobre seu trabalho, os exemplos das rodas de conversa e círculos de cultura eles/as já foram logo falando, você copiou isso tudo dele.

SANTA LUZIA VIVE!

## **CAPÍTULO 3**

### **OBJETIVOS**

#### **3.1- OBJETIVO GERAL**

- Apresentar como oficinas corporais podem possibilitar espaços de resistência e encorajamento às crianças e adolescentes da comunidade Santa Luzia.

#### **3.2- OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Destacar a importância que as dinâmicas dos treinamentos do jiu-jitsu podem acrescentar na valorização das/dos crianças/ adolescentes;

- Analisar o papel crucial que o dialogo das aulas de jiu-jitsu proporcionam na autonomia dos participantes;

- Identificar a importância das oficinas de jiu-jitsu em um contexto social de desvantagem social;

-Verificar a relação entre os alunos ao longo das oficinas.

## **CAPÍTULO 4**

### **METODOLOGIA**

A abordagem qualitativa servirá de suporte para fomentar os pressupostos que compõem os questionamentos que levaram à escrita desse trabalho de conclusão de curso. Preocupa-se com compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem qualitativa com certa interpretação hermenêutica (GONSALVES, 2011, p. 70). Gerhardt e Silveira (2009) citam uma passagem de Minayo (2001) em que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Aplicada inicialmente em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem alargado seu campo de atuação a áreas como a Psicologia e a Educação. A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2001, pág. 14).

A observação participante com grande aproximação a uma prática de pesquisa vinculada à pesquisa-ação, entrevistas semi-estruturadas e a construção de um diário de campo foram os procedimentos escolhidos para tentar acompanhar, registrar e problematizar o objeto dessa pesquisa. Através desses procedimentos e para melhor compreender como se dão esses movimentos que compõem a Casa de Paternidade, a entrevista semi-

estruturada permitiu que os entrevistados fossem mais espontâneos. Para Manzini (1990/1991) é importante que o roteiro de entrevista seja organizado com perguntas básicas (principais), de modo a permitir que sejam “complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre, desvinculadas de alternativas que possam ser sugeridas pelo roteiro utilizado (Manzini, 1990/1991, pág.54).

## **4.1 Contexto de pesquisa**

O objetivo geral foi sendo constituído através da investigação de como oficinas corporais podem possibilitar espaços de resistência e empoderamento às crianças e adolescentes da comunidade Santa Luzia. As oficinas de Jiu-jitsu se concentram no trabalho coletivo com as crianças e adolescentes, mas o cuidado com cada sujeito se faz necessário para um melhor entendimento deles para o dia a dia. Esse cuidado é no sentido de encorajá-los como um meio de sobrevivência, não precisamos reforçar para eles/as que vivem com muitas dificuldades e sim darmos formas para que consigam construir e viver esses processos de mudanças. A busca incessante, o enfrentamento e saber que as mudanças podem ser feitas e que estas são possíveis. Esses sujeitos possuem vozes, nas oficinas trabalhamos muito nesse sentido, da fala e escuta, e ao longo desses meses de observação percebo como essas pequenas sementes estão desabrochando nesses meses de convivência de aprenderes. A minha entrada na comunidade Santa Luzia ocorreu através do Projeto Autonomia, desse primeiro contato buscamos trabalhar esses corpos

onde essas pessoas habitam. Surgiram desde o início temas que ditaram as dinâmicas por mais de três aulas, temas como gênero, sexualidade, violência contra a mulher e respeito. O respeito sempre foi o tema gerador de nossas atividades, fazendo todos/as compreenderem que estamos postos a vários problemas sociais e que depende de cada um de nós para que consigamos viver cordialmente.

Nos primeiros contatos com essas crianças e adolescentes, minha esposa e eu, percebemos o quão importante o diálogo se fazia necessário para as pessoas que participavam das oficinas. O cuidado com o corpo, o respeito com o espaço físico do outro, a relação do corpo movimento e a possibilidade da consciência corporal no dia a dia das relações sociais fazem das oficinas com as modalidades de luta um objeto real de resistência. Esses corpos em movimento que dentro de uma comunidade inserida na violência e que na maioria das vezes silenciados precisam de espaços para literalmente gritar. Lembro de um momento marcante em uma dessas oficinas em que um aluno que descobrindo a sua sexualidade, estava em conflito constante. Conflito esse por ser homossexual e não ter ninguém para dialogar, quando percebeu que dentro das oficinas existe esse espaço de fala abraçou minha esposa Michelle com o melhor e mais afetuoso abraço do mundo. No final desse momento agradeceu o carinho com ele e ainda perguntou se realmente entendíamos a situação. Depois desse momento a oficina de jiu-jitsu ficou por 2 semanas discutindo sobre homossexualidade e trazendo outros temas relacionados sobre sexualidade. Um simples momento de diálogo pode proporcionar a uma criança uma gama de possibilidades e aberturas para além desse invólucro que

a envolve para silenciar o que a sociedade brasileira arrogante e preconceituosa impõe a essas crianças e adolescentes.

Dentro das oficinas não trabalhamos com planejamento semanal, mas vamos por meio das demandas buscando através dos diálogos e rodas de conversas criações coletivas. Fazemos à prática esportiva, trabalhamos o contexto histórico, fazemos momentos de criações individuais, situações de combate corporal e o mais importante que é mostrar para eles que com a pratica de luta não precisamos por motivo qualquer que seja perder a nossa serenidade. Existindo inúmeras maneiras de lutar, onde a palavra é a mais forte dessas maneiras! O melhor de tudo é quando percebem o tanto que são capazes, cada sujeito dentro da sua especificidade, sem comparações, competições e que as oficinas oferecem momentos para além daquele momento de prática esportiva. Muitos mandam mensagens pela semana com situações que muita das vezes foram trabalhadas por eles mesmos só que nesse momento eles buscam outras saídas/ soluções para resolução.

O tempo da análise feita é de 5 meses, mas percebi o quanto de mudanças que ocorreram com os sujeitos que compõem esse espaço, onde a maioria hoje faz questionamentos e levam situações para serem trabalhadas nas atividades. O melhor é ver quando chega uma pessoa nova na oficina e já vem com aquelas situações normais de uma academia de jiu-jitsu, vou lutar, ficar forte e me defender de tudo e os que ali já estão concluem no final do dia que agora você sabe que possui uma voz e ela pode ser ouvida. A luta/ resistência deve ser feita em todos os lugares, mas quando a pessoa percebe que ela é capaz o nosso dia que já estava bom, fica ainda melhor.



## 4.2 Sujeitos da pesquisa

### Entrevistas

Pensando em quais sujeitos poderiam contribuir para que esse trabalho fosse realizado, em plena conexão com a realidade vivida no CDC, fui à comunidade Santa Luzia e conversei com essas pessoas no intuito de ver quem se sentiria a vontade para falar um pouco sobre o dia a dia e a parte histórica do espaço. No primeiro momento na construção junto a Professora Fátima Vidal tínhamos combinado de fazer a entrevista com algumas pessoas, mas com o passar do tempo e com as mudanças que ocorreram na Casa de Paternidade no mês de outubro de 2016 percebi que outras pessoas poderiam contribuir de forma significativa. Fui ao encontro delas e dialoguei sobre a possibilidade de contribuírem com as suas experiências e com o objetivo que sempre foi um tema norteador na Casa de Paternidade, as próprias mães coordenarem o local. A entrevista foi feita com 3 pessoas: utilizamos nomes fictícios para preservar as pessoas que se comprometeram com o trabalho. As entrevistas foram feitas a partir de 5 perguntas norteadoras, onde a construção e entendimento entre nós se deu literalmente através de exemplificações para melhor entendimento sobre algumas dessas perguntas. Uma das perguntas trazia no seu teor a parte do livro Vigiar e Punir de Michel Foucault sobre os Corpos Dóceis, onde com a Denise e a Juliana fomos ao livro para poder compreender como se dão essas relações de poder que elas vivem cotidianamente. Momento que considero de extrema importância, onde conversamos e elas ficaram encantadas com o que Michel Foucault escreve sobre essa disciplina e corpos submissos. Ao longo das entrevistas fomos dialogando a partir dessas perguntas norteadoras e elas foram expondo os

seus posicionamentos de forma espontânea. Através das gravações e devidas autorizações das pessoas envolvidas fiz um texto corrido para ficar melhor para os/as leitores.

### **Entrevista - Maria C. Dias**

Conheci a comunidade em 2011 através de um trabalho com um grupo religioso, íamos a uma cooperativa próxima a Santa Luzia e percebi que havia mais crianças que adultos nesses espaços. Nas conversas as pessoas falavam que moravam em uma favela, daí no dia 07/09/2011 fizemos um dia de atividades para as crianças nesse espaço denominado de “Favela”, onde o evento seria para nós conhecermos as crianças. Eu e um grupo de amigas denominado “Grupo Infância”, para pensar a infância e as crianças, desenvolvemos essa festa denominada de “Dia da Alegria”. A partir daí vieram todos os desencadeamentos, onde conhecemos uma família que vivia em condições precárias no local onde hoje é a Casa de Paternidade, residiam ali um pai com seus 8 filhos e nós propusemos a ele que morassem de aluguel em um outro local e eles cederiam aquele espaço para que conseguíssemos pensar nas outras crianças da comunidade. Através desse acordo o pai aceitou e em dezembro de 2011 eles se mudaram e nós arcamos com o seu aluguel até dezembro de 2015, depois essa família foi atendida por um programa chamado de PPCAN (política pública de proteção) porque o irmão mais velho se envolveu com o crime. Nessa época que os conhecemos ele já se encontrava no sócio educativo, o pai negociou o lote e nesse mês de dezembro

de 2016 iremos pagar a última parcela do valor acordado. Buscamos ajudar a família pela dificuldade enfrentada e a família nos ajudou porque desse acordo conseguimos o espaço de onde iniciou fisicamente esse sonho que só existia no pensamento.

O CDC é a materialização de algo que vem sendo construído, porque o espaço da Casa de Paternidade foi inaugurado em maio de 2012 e nós achávamos que tínhamos todas as respostas, que poderíamos ajudar e mudar a vida daquelas pessoas, mais ou menos no final de 2013 percebemos que tínhamos uma mentalidade de desrespeito. Aquela relação de chegada no contexto de colonizadores! Então começamos a mudar, rever nossa forma de pensar e a propor que a comunidade falasse, construísse e se manifestasse. Isso foi sendo feito por um grupo de mulheres que se reunia semanalmente para pensar as possibilidades que poderiam ocorrer dentro da comunidade a partir da chegada delas com o nosso auxílio. E aí a primeira demanda era a creche e nós ficamos ainda 1 ano e meio conversando a respeito de como seria e pensando na estrutura física adequada que não tínhamos. Participamos de um concurso de um shopping onde seria dada uma quantia de R\$30.000,00 para montar uma biblioteca, acabamos por ganhar o concurso e construímos uma biblioteca e o que seria uma creche. Essas pessoas que participaram desses movimentos viram a possibilidade de trabalharem juntas, mulheres que antes não trabalhavam, ou trabalhavam no lixão, catadoras, ou em bicos de diarista. A partir daí esse grupo começou a trabalhar e estamos agora fechando o primeiro ano de trabalho no CDC. Os meus motivos a participar disso tudo são vários, a possibilidade de oportunizar uma educação inovadora dentro de um lugar que acredito ser mais sem recursos financeiros de Brasília. Se

conseguirmos fazer desse espaço uma boa escola dentro desse contexto vai ser muito rico para a cidade aonde essas pessoas percebiam como deve se dar o respeito a essas crianças tão pequenas. Passam a compreender que aquela criança é uma pessoa, pessoas completas, precisando ser ouvidas, respeitadas e estimuladas no ritmo delas, sem massificação, os adultos são muito cruéis com as crianças. A importância da fala dessas 12 mães que levam rendas a suas famílias, as crianças com essa relação de pertencimento a um local é uma forma de resistência dentro da Santa Luzia, uma esperança de força e amor me motivando muito.

O CDC só existe por causa do Projeto Autonomia, através dessas trocas, diálogos, não deixando que fossemos apenas mais uma “crechezinha” dentro da cidade Estrutural. O Projeto Autonomia nos amplia, nos faz acreditar que é possível sim sermos uma referência de educação inovadora para as crianças pequenas dentro da Cidade Estrutural, dentro do DF. As oficinas são importantíssimas, várias ocorreram, mesmo a de jiu-jitsu que percebemos o comprometimento de vários adolescentes da comunidade por não termos tantos acessos. Existem várias lacunas, mas as maiores lacunas são com essas crianças maiores, porque estamos com as crianças menores de segunda a sexta o dia inteiro. As crianças maiores que estudam, nós não oferecemos nada sistematizado para que atenda a essa demanda, temos com isso as atividades esportivas sendo realizadas nos finais de semana, aula de reforço, música e o esporte. O jiu-jitsu vem para preencher esse espaço que está vazio, mostrando o comprometimento e desenvolver realmente esses adolescentes, as mudanças são visíveis porque começam a mudar a realidade de todos/as. Não é só o jiu-jitsu que vai uma vez por semana, são as conversas, o cuidado,

a escuta. Essa relação de saber que ali existe alguém com que eles podem contar, utilizando até mesmo a modalidade como um meio para a criança mudar de vida. Essas famílias que vem de gerações em gerações vivendo nesse contexto de precariedade.

A questão das oficinas de jiu-jitsu não é apenas de ir lá e praticar uma modalidade esportiva, vai muito mais além, o cuidado, a escuta, o vínculo que é desenvolvido com aquelas pessoas semanalmente. Vocês estão em atividade praticamente um ano, no CDC essas pessoas não são ouvidas nunca, as crianças às vezes parecem até mesmo aqueles “bichinhos do mato” porque antes ninguém nunca fez isso. Quando alguém olha no olho do outro, para significar, se vincular, para respeitar, para amar, ter empatia isso para mim pode alterar a rota/destino de qualquer um. Considero o trabalho que vocês estão desenvolvendo uma transformação, vocês modificam o meio em que vivem e o espaço de cuidado e aprendizagem.

Acredito que sim, as oficinas de jiu-jitsu vão de encontro ao fortalecimento e resistências a essas pessoas silenciadas historicamente, esses corpos dóceis agora um agente que sabe para onde vai e modifica através dos exemplos tudo ao seu redor. Liberar as potencialidades da Santa Luzia é a nossa obrigação, temos o dever moral, de auxiliar todas as pessoas não com o nosso “achismo”, mas com as potencialidades de cada indivíduo. Então, o reconhecimento do outro, o trabalho de base, em que proporcionemos ferramentas que vão mudar a consciência, que haja mudança, revolução, penso nessas oficinas como espaços de encorajamento. Como levar essas crianças para todos os lugares, sempre sou questionada pelas pessoas que estou a mostrar outro mundo para ele/as e como elas vão voltar para o

mundinho delas? É melhor nem tirar essas pessoas daí, é bobagem levar ao teatro, só para levar e deixa-los com mais vontade de “TER” e nunca “TER”. Elas vivem nessa precariedade e não podem sair de lá, esquecem que eles são domesticados diariamente pela televisão, mas hoje a miséria tem rosto, tem nome, a precariedade material tem rosto e nome. Então se tem nome, estamos lidando com seres humanos, a nossa grande esperança é que a qualquer momento tudo possa mudar.

### **Entrevista – Daniela Almeida**

Em 2006 eu morava no SAI - Setor de Indústrias e Abastecimento, depois da derrubada dos barracos nós viemos para cá, mas as condições do barraco que nos ofereceram aqui na Santa Luzia era precária demais. Fui morar em Águas Lindas, fiquei mais um ano no Recanto das Emas e depois em 2007 voltei e comprei um lote por R\$ 250,00 e estou aqui até hoje. Pela minha história de vida eu encontrei inúmeras pessoas que tentaram me derrubar, desanimar, mas eu busquei para mim apenas aquelas pessoas que me ofereceram coisas boas. O que realmente eu quero é mostrar para as pessoas da comunidade que com coisas boas podemos vencer na vida, apesar de ter 30 anos muitas pessoas não sabem o que eu passei, já dormi em rodoviária e sempre me recordava daquelas pessoas boas que em algum momento da vida falaram que eu era capaz. Quando vejo alguém em situação de dificuldade eu já quero ajudar, seja no encontro que estou realizando aqui no CDC, “Mulheres Virtuosas”, vocês podem ajudar, não é com coisas materiais, mas com a

palavra. Eu já tentei me suicidar por 3 vezes, sendo que muitas vezes as pessoas ainda falavam que eu não consegui porque estava fazendo errado, mas novamente as pessoas boas apareciam e me ajudavam através do diálogo. Quando vejo essas mulheres sofrerem aqui na comunidade, me recordo de tudo que passei na vida e vejo a importância que meu trabalho pode auxiliar nesse processo de mudança.

O pouco que eu fiz para as pessoas pode ser o que fizeram por mim no passado e efetivamente mudaram essa relação de eu ver o mundo, não penso nas maldades e sim nas possibilidades. O projeto Autonomia nos ajuda em todos os momentos, seja no diálogo ou na escuta e as professoras com seus alunos quando chegam todas às vezes nos abraçam. Eles valorizam o ser humano! As praticas do jiu-jitsu com seu exercício tudo isso abre novos horizontes, nós não temos dinheiro para fazer atividades e com vocês aqui isso tudo se mudou. Ate mesmo para sairmos aqui da comunidade as pessoas nos olham com outros olhos e por isso eu não gosto de sair daqui de dentro. Eu sei que o Governo não está preocupado com a nossa situação, isso acaba por se tornar um assunto recorrente dentro da comunidade, nós até temos medo de procurar um trabalho que não seja no lixão, pois sabemos que lá fora a vida é muito diferente e não querem compartilhar conosco essas coisas boas. Quando você me falou pela primeira vez de “corpos dóceis” eu não tinha compreendido, mas quando começamos a ler os trechos do texto parecia que eu estava vendo passar um filme na minha cabeça, como as pessoas são capazes de fazer tanto mal umas para as outras? Será que isso acontece simplesmente por causa do dinheiro? Se eu tivesse muito dinheiro ia ajudar todo mundo aqui da

comunidade igual vocês da UnB que vem aqui, todo mundo comenta, pessoas tão bonitas que estão preocupadas realmente com o nosso bem estar.

### **Entrevista – Patrícia Alves**

Eu moro na estrutural desde os 6 anos de idade, com isso quando vim morar aqui na Santa Luzia com o tempo conheci a Casa de Paternidade. Passei por alguns problemas pessoais e as pessoas daqui me ajudaram e com isso fui a cada dia crescendo como pessoa e mãe. Eu acho que aqui na Santa Luzia não tem projetos, mas na Casa de Paternidade tudo é diferente por possibilitar essas mudanças através dos exemplos e dessa educação inovadora. Aqui as crianças percebem que mesmo com todos os problemas que enfrentam dentro de casa na Casa de Paternidade terão o cuidado por essas pessoas que ao longo dos dias que se passam estão crescendo junto a elas. Esse espaço transforma a vida dessas crianças, mostrando que aqui na Santa Luzia não existe apenas o lixo, dar um auxílio não só com a questão da comida e sim oferecer sonhos e expectativas para uma vida melhor.

O projeto Autonomia é muito importante para a formação deles e das mães que atendem dentro da Casa de Paternidade, eles sabem que não precisam ficar mais na rua e que naquele espaço existe o cuidado com todos. A Casa de Paternidade é referência dentro da comunidade e do mesmo jeito que os alunos da UnB vem semanalmente para cá, nós também podemos sair daqui e saber que somos capazes. Depois que você veio oferecer as oficinas



de jiu-jitsu acabou por virar celebridade, não sei se eles gostam de você por causa de ter tantas tatuagens, você parece da comunidade. Não é porque você é gente boa, mas onde você passa acaba falando com todo mundo, parece morador daqui. Estávamos sentindo a sua falta nesses meses aqui dentro da Casa de Paternidade, mas sabemos que quem estuda na UnB quase não tem vida. O Projeto de vocês da UnB é fantástico, pois vocês vem aqui para conversar conosco, não é aquela relação de vir aqui e mandar todo mundo fazer algo, mas de trabalhar coletivamente. Muito lindo isso que vocês fazem.

#### **- Fundador (a)**

Percebemos que na entrevista da Maria C. Dias ela relata um pouco dessa relação das pessoas que fundaram a Casa de Paternidade, mas percebemos o quão importante é ver como ela entende que esse espaço é da comunidade e quem tem que coordenar são as mães da comunidade. Então o espaço surge de uma demanda da comunidade junto com a luta/ resistência dessas pessoas que buscam uma melhor qualidade de vida para essas pessoas que estão desamparadas. A Maria e mais algumas pessoas fortaleceram esse sonho e construíram junto a essas pessoas esse espaço de possibilidades.

#### **- Coordenação Geral**

Dentro das coordenações existem pessoas que desempenham funções que possuem dadas relevâncias na construção do espaço como um todo.

Pessoas essas que trabalham a parte do dinheiro que entra em forma de doações e com destinação certa para que não haja desperdícios. Diariamente as questões que envolvem a Casa são discutidas e analisadas para que esse espaço consiga estar em funcionamento pleno frente às dificuldades enfrentadas. A maioria das pessoas que tomam frente essas demandas são de fora da comunidade, entretanto, o objetivo principal é fazer com que as próprias mães que ali são voluntárias consigam em um futuro próximo gerir o espaço. As mães já fazem o controle de estoque, seja de alimentos, ou até mesmo de produtos de higiene mostrando que capacidade essas mulheres já possuem.

#### **- Coordenação Pedagógica**

- Esse grupo da coordenação geral que dialoga e busca mecanismos para oferecer uma educação de qualidade para essas crianças. Estão pensando em trazer uma pessoa de fora para fazer essa coordenação pedagógica, no intuito de construir algumas questões que possam ser interessantes para o espaço. Existe a necessidade de uma pessoa imbuída de cuidar desse espaço com o devido respeito que ele merece, para que as pessoas tenham um eixo norteador e profissional ao lado das vivências e experiências dessas mães da comunidade.

#### **- mãe/ educadora**

- No espaço da Casa de Paternidade 12 mães participam em turnos alternados e cuidam diariamente de todas as atividades dentro desse

espaço. Recebem mensalmente uma bolsa de ajuda no valor de R\$ 300,00 e mais uma cesta básica. As mães que fazem tudo dentro da Casa de Paternidade, comida, limpeza, banho das crianças, atividades, momentos de leitura.

### **4.3 Crianças atendidas no CDC e nas oficinas**

No início do ano de 2016 foi proposto no projeto 4 fase 1 vinculado a Universidade de Brasília, ofertado pela professora Fátima Vidal Rodrigues, que fossemos aos espaços que nós gostaríamos de fazer as observações. No CDC as crianças que ali se encontram são em grande maioria da faixa etária de 3-5 anos, com a nossa chegada percebi que faltavam atividades para preencher esse vazio que vive a comunidade em relação ao cuidado com seus moradores. Iniciei os trabalhos aos domingos e nos primeiros 4 encontros tínhamos por volta de 10 crianças, com o passar dos domingos e com a percepção deles de que as oficinas propostas davam continuidade, algo que é incomum na comunidade, pois muitas pessoas iniciam trabalhos voluntários e logo abandonam os projetos. A pergunta era sempre a mesma, “Tio”, você vai vir no próximo domingo? Como a aceitação deles para pessoas dispostas a ajudá-los é muito boa, percebemos que as aulas estavam ficando cada vez mais cheias e as crianças de 3-5 anos já estavam a dividir os espaços com os adolescentes. Percebemos que havia a necessidade de procurar um espaço que acolhesse melhor a todos, fomos primeiramente para o campo de futebol sintético e íamos à casa de cada criança/ adolescente e falávamos com os pais

que sempre nos acompanhava. Com a nossa luta intensa e árdua conseguimos o espaço do Centro Olímpico da Estrutural, onde conseguimos alocar melhor um número muito grande de pessoas. Poucas crianças que são do espaço do CDC hoje participam das oficinas, os responsáveis nem sempre possuem disponibilidade para levar e buscar deixando um vazio muito grande nos nossos corações. Atualmente nas oficinas participam por volta de 30 crianças/adolescentes, muito desses já passaram de algum modo pelo CDC, seja como aluno/a matriculado/a, ou por morar e ficar pela redondeza. Como o CDC é a referência na comunidade, sabemos do papel que ele exerce direta, ou indiretamente, no dia a dia dessas pessoas.

## 4.4 Derivação do CDC para as oficinas

A atividade inicial era dar suporte às pessoas que compunham o quadro da Casa de Paternidade, mães/ educadoras, mas com o passar do tempo percebi como a comunidade era carente de atividades. Como dito antes, daí surgiu a ideia de possibilitar momentos de esporte/lazer para essas crianças do CDC e para os adolescentes da comunidade. Inicialmente fazíamos as atividades no galpão que antes era o CDC, mas que hoje além de ser feito o Bazar solidário<sup>15</sup>, também é utilizado para reuniões, encontros de variados grupos, aulas de reforço.

Nas oficinas trabalhamos a parte física com alongamentos, exercícios físicos e parte técnica de Jiu-jitsu. Sempre começamos as aulas com uma contextualização histórica do esporte e mostrando a sua utilidade para além da prática esportiva. Isso se deve ao fato de tudo na vida estar interligado, possibilitando a esses sujeitos fazerem pontes para que consigam enfrentar esse dilema que é viver em espaços com condições mínimas. Nossa luta começa quando chegamos aos espaços, no Centro Olímpico sempre existem imprevistos que nunca são avisados, como trabalhamos majoritariamente com indivíduos da comunidade Santa Luzia e o espaço das atividades são na Estrutural as pessoas que ali deveriam trabalhar em prol do envolvimento de todos, mostram em suas atitudes que as diferenças existem e são reforçadas a todos os momentos. Um fato marcante aconteceu no dia nove de outubro de dois mil e dezesseis, onde o rapaz que ocupa o cargo mais alto dentro dessa hierarquia de poderes que compõem a sociedade, responsável maior do Centro

---

<sup>15</sup> O Bazar solidário é feito uma vez por mês, onde vários itens são vendidos ao custo inicial de R\$0,50 para que as pessoas paguem por aquilo que vão utilizar, trazendo uma perspectiva de valorização dessas pessoas.

Olímpico, ao ver a nossa entrada no espaço pediu que utilizássemos à quadra coberta, pois ali no espaço seria feito o evento do Judô e que nós iríamos atrapalhar o desenvolvimento dessa atividade. Questionei sobre a razão de que por serem crianças que suas vestes não condizem com o que ele espera, os pés sujos pelas terras de suas casas, entretanto, a educação deles não se mostra através do visual. Ainda tive que ter o cuidado em medir as palavras porque as crianças/ adolescentes estavam presentes nesse dialogo e não consegui nesse dia conter minha indignação. Sensação essa que esses sujeitos sentem em todos os momentos ao irem a espaços de fora dessa bolha social, seja nas escolas, ou mesmo quando os levamos para lanche em outra cidade próxima a comunidade.

Quando analiso tudo o que me estimula a todos os domingos estar presente junto a essas pessoas que possuem uma energia totalmente positiva, me recordo daquele dito de que quem trabalha pelo que ganha, não vale o que recebe. Faço essa relação não pensando em ganhar pelo modo de vida capitalista, mas pela satisfação de chegar em casa e receber mensagens deles, abraços afetuosos ao chegar nesse local de “trabalho” e poder saber que no sábado mesmo conversando com eles ser questionado, professor, amanhã você vai vir? Essa pergunta se faz pela razão de muitas pessoas por ali passarem e apenas colher o que podem, mas penso que devemos estar presentes nesses espaços e ir além de plantar a semente, mas também junto a eles colher os frutos.

## CAPÍTULO 5

### Contexto e as práticas das oficinas

A comunidade carece de espaços para que desfrutem minimamente de momentos de lazer, pensando com cuidado fui alimentando esse projeto de possibilitar a essas pessoas a oportunidade de conhecer outras atividades. Quando fomos convidar as crianças para aos domingos irem até a Casa de Paternidade fazer a prática esportiva foi um momento de alegria e muito significativo. Lembro como se fosse hoje que o combinado seria de começar as 09:00hs e muitas dessas crianças já se encontravam no local combinado as 07:00hs. Com as doações dos kimonos era nítido a alegria nos olhos ao receber a vestimenta, eles/as rolavam no barro e não tinham em nenhum momento vergonha de expor abertamente seus sentimentos. Nessa relação que se da entre professor/a e aluno/a é extremamente importante que as partes envolvidas estejam comprometidas umas com as outras.

Os combinados antes do inícios das oficinas era de cumplicidade entre as partes envolvidas, de forma que todos/as pudessem ter voz ativa nesse processo de ensino/aprendizagem. Lembro bem que sempre brincávamos, que seja a maior besteira do mundo, compartilhe com os/as colegas sem vergonha do que as pessoas iriam achar e reforçando que o momento de fala e escuta tinham que ser respeitados. Nesse ciclo de 1 ano de atividades percebo o quanto crescemos como pessoas, consigo acompanhar o crescimento de cada criança, essa relação é muito importante para o meu amadurecimento. Atualmente eles/as não me questionam sobre o porque de estar na comunidade, hoje eles sentem que eu realmente faço parte da comunidade

assim como as outras pessoas que estão presentes desempenhando outras atividades nos espaços da Santa Luzia.

Pensar que há um ano atrás eles/as jogavam pedras nas viaturas da policia e hoje vão até os policiais e os cumprimentam é de se pensar como as mudanças ocorrem de maneira que em um curto espaço de tempo mudam totalmente o contexto do espaço. Lembro que eu mostrava com exemplos que as possibilidades estão ao nosso alcance, por inúmeras vezes ao ver uma viatura passando eu ia até o encontro delas e fazia questão de cumprimentar os policiais pegando em suas mãos. Eu não queria apenas mudar as nossas crianças nessa relação conflituosa, mas mostrar também aos policiais que não impusessem barreiras para a comunidade. Esse exemplo acho interessante porque sempre era questionado nas oficinas que os policiais batiam neles/as ao escurecer, nas revistas diárias na comunidade e com isso comecei a levar alunos meus que trabalham como policiais. Sempre ao iniciar a aula da semana eu perguntava as crianças o que elas achavam das visitas dos meus alunos, quando elas faziam os elogios eu citava que aquela pessoa era policial. Daí sempre vinham os comentários, mas como pode, ele não foi violento em momento algum comigo, não pode ser policial. Através dessas dinâmicas começávamos os encaminhamentos para ir construindo coletivamente mecanismos para que chegássemos a um objetivo comum a todos.

Como a Casa de Paternidade é o ponto de referência dentro da comunidade, nós sempre estávamos a par de quaisquer situações que fossem, com isso eu sempre buscava uma forma de construir junto a eles/as um entendimento para as demandas postas. A violência dentro da comunidade sempre foi um ponto que era tocado nas oficinas e o que mais me chamava a



atenção era que essa relação já estava se dando de forma natural. Trabalhamos por muitas vezes essas questões de tratar de um tema tão controverso de forma que eles percebessem que não poderia de forma alguma ser natural. A banalização de alguns assuntos era algumas vezes discutido dentro das oficinas e que por muitas vezes tomavam a manhã inteira e ainda sim não conseguíamos chegar a um ponto em comum. O respeito para com as mulheres, algo que dentro da comunidade é muito difícil, pois as praticas machistas são explícitas. Com isso o envolvimento de alguns alunos que possuíam por muito tempo conflitos pessoais pela descoberta de suas opções sexuais dentro de uma comunidade totalmente machista faziam desses momentos um ambiente de descobertas e cumplicidade para com as vontades dos outros sujeitos.

A relação entre as pessoas pode possibilitar processos de mudanças e esses processos são muito importantes para quem de alguma forma espera que as construções coletivas forneçam mecanismos aos quais se consiga cada individuo crescer em sua plenitude e mude a cada dia em prol do coletivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse processo de observações, escrita, diálogos, percebo como conseguimos nos desenvolver através dessas relações que acontecem naturalmente quando o objetivo comum é o social. O encorajamento nesses meios sociais não assistidos pelo Governo e pela sociedade evidencia que no processo de ensino aprendizagem todos os sujeitos envolvidos têm a oferecer, uns aos outros, formas/ mecanismos de desenvolvimento. Em nossas rodas de conversas quando um/uma dos/das participantes citam que nós estamos lá para ensinar, vos digo que estou muito mais a aprender do que ensinar e que de várias maneiras eles/elas conseguem me oferecer algo. Quando relacionamos que em todos os espaços essas crianças e adolescentes estão sendo taxadas/ estereotipadas por todos os lados, seja na escola que não os acolhe de maneira que os faça se sentir à vontade, seja quando a polícia faz sua abordagem ríspida dentro da comunidade, ou seja, quando não são atendidas por políticas públicas. Compreendo que as artimanhas que o modo de vida capitalista impõe a todos nós, faz desses sujeitos que de certo modo não conseguiram uma melhor condição de vida, atores/as coadjuvantes e que simplesmente são descartáveis. Essa luta árdua que será travada nesses locais não atendidos me faz recordar o que Paulo Freire cita em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2015), (...) bem aberto à advertência de Marx, a da necessária radicalidade que me faz sempre desperto a tudo o que diz respeito à defesa dos interesses humanos. Interesses superiores aos de puros grupos ou de classes de gente. (...) Pensando sempre que os interesses humanos são sobrepostos aos interesses de mercado, onde o ter e ser encontram-se muito distantes. Eu tenho uma casa boa, um carro do ano bom, sou funcionário

público. As relações vão sendo postas e nós dentro das nossas possibilidades e até mesmo em alguns momentos, ignorantes pela razão de sempre estarmos sujeitos às espertezas temos que fazer essas leituras e não cair nessas amarras capitalistas.

Sempre nos é ensinado que possuímos vários sentidos, mas percebemos como nossos sentidos foram historicamente deixados de lado. Isso fazendo uma referência ao que trabalhamos todos os dias nesse processo de sermos ouvintes e seres falantes, seres falantes não apenas com a voz e a todos os momentos com o corpo. Esse espaço que habitamos e que lutamos diariamente seja para sermos visíveis aos olhos de quem não nos percebe, ou não quer realmente nos perceber, com a simplicidade de apenas se expressar o que sente. Pensamos agora nesses sujeitos que vivem em desvantagem social, sem fazer juízo de valor, vai lá que se você estudar vai melhorar a sua vida e sair dessa condição. As condições já estão historicamente postas, comunidade pobre onde vivem majoritariamente pessoas negras e o discurso de que vai a luta que consegue não dá para continuar. Todas as pessoas devem ter mínimas condições para sobreviver, mas os governantes não estão implicados a buscar transformações nesse sentido, pois o interesse individual sempre está à frente dos interesses coletivos.

Quando estudo busco relacionar ao contexto no qual estou inserido e também dialogar com as possibilidades que esses entendimentos podem me auxiliar em ajudar o próximo. A minha ideia de sociedade se faz na direção de uns pelos outros, onde as pessoas estão definitivamente inseridas em um bem social comum e não nessa busca incessante pelo melhor (nesse meio de vida capitalista). Estamos direcionados a competição, nesse prisma alguém sempre

sairá perdendo e na maioria das vezes será explorado pelo mercado que o esmaga para apenas sobreviver. Em um país como o Brasil onde os bancos mandam e desmandam, as empresas fazem seus lobbys, as aberturas das linhas de créditos proporcionaram esse sonho terrível do acesso ao mercado consumista. Essas formas de manipular a população mostram para quem essas pessoas que governam estão interessadas em ajudar, não é o povo, mas deixando os seus cidadãos cada vez mais endividados. Agora no caso específico estudado, pensamos nesse espaço geográfico, situado a menos de 15 quilômetros do centro de Brasília, onde a especulação da construção de prédios cada dia ganha força, não podemos acreditar que essas pessoas serão contempladas. Com toda a certeza eles terão que deixar esse espaço onde vivem, mas muitas pessoas nem sabem que ali existem pessoas nessas condições, sim, na capital federal eles são invisíveis. São lembrados apenas quando se fala no processo seletivo de separação de resíduos, o termo é muito bonito de ser lido, mas devemos falar, falar e falar que ali existem pessoas sem condições nenhuma de vida. Essas pessoas são seres que lutam diariamente pelo pão de cada dia e que estão literalmente jogados como o lixo que depositamos todos os dias nas lixeiras. Serviram por muito tempo pela necessidade que se faz pela separação dos materiais recicláveis e reutilizáveis, mas agora serão descartados. Então no meu dia a dia o que busquei e busco para além com esse trabalho de conclusão de curso é mostrar que ali existem pessoas que estão realmente comprometidas em oferecer minimamente uma forma para que esses sujeitos consigam de alguma maneira sobreviver e eu sou uma dessas pessoas. Eu acredito que as mudanças são necessárias/possíveis, estou inserido na comunidade porque acredito no potencial de cada

uma daquelas pessoas e sei o quão importante é mostrar para eles que existem sim pessoas que acreditam neles/as.

### **Parte III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Depois de passar por algumas áreas nas quais eu não me identifiquei, mas por outro lado, trabalhando em prol de melhores condições de acesso para as pessoas mais fragilizadas a um contexto educacional que consiga auxiliá-los como futuros profissionais que comporão a sociedade brasileira. Percebo tamanho papel que poderei exercer nesse processo, a satisfação pessoal de participar efetivamente da construção desses sujeitos me fortalece a cada dia. Não sei ao certo se irei prestar concurso público para a área, mas com toda certeza estarei inserido em becos e vielas que é o ambiente que me sinto a vontade perto dessas pessoas de extrema sensibilidade.

Eu como sujeito incompleto estou me formando na terceira graduação e não sei se irei parar por aqui, o objetivo inicial era o de fazer um mestrado na área da educação, mas hoje me deparo com uma situação inusitada que é adorar estar em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº. 12.305, de 2 de agosto de 2010.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalheite. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa- 50º ED –Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. Organização e participação Ana Maria de Araújo Freire. – 1. ed. – São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 58. ed. ver. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos de 1844. Roma, Edizioni, Rinascita, 1952.

MANACORDA, Mario Alighiero. Marx e a Pedagogia Moderna; [tradução Newton Ramos de Oliveira].—Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. 2º edição.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINIDICIONÁRIO ESCOLAR/ PORTUGUÊS. Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda. 2009.

NETO, Analdino Rodrigues Paulino. Revolução Cubana/ Che Guevara. Edições populares. São Paulo, Abril de 1980.

SILVA, Jailson de Souza e. O que é favela, afinal?/ organizador: Jailson de Souza e Silva. – (Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.)

SPINOZA, Benedictus de, 1632-1677. *Ética/ Spinoza*; [tradução e notas de Tomaz Tadeu]. – 3. ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

## Sites

<https://coletivodacidade.wordpress.com/sobre/> acessado em 28/08/2016 às 15h:00

<http://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1636204-favela-com-12-mil-pessoas-cresce-a-17-km-do-palacio-do-planalto.shtml> Acessado em 28/08/2016 às 19h:30'

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/29/interna\\_cidadesdf,496538/justica-absolve-policiais-acusados-de-participarem-do-massacre-da-estr.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/08/29/interna_cidadesdf,496538/justica-absolve-policiais-acusados-de-participarem-do-massacre-da-estr.shtml)

Confederação Brasileira de Jiu Jitsu. Acessado em 09/10/2016 às 22h:00. Disponível em: <http://www.cbjj.com.br/>

<http://www.gracieacademy.com/pt/history.asp>. acessado em 09/10/2016 às 23h:00.

<http://www.graciebarra.com/br/sobre-a-gracie-barra/jj-gb/historia/> acessado em 09/10/2016 às 23h:25'

MANZINI, Eduardo José. Entrevista Semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros. Depto de Educação Especial do Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual São Paulo (UNESP), Marília, SP. 2004. Disponível em:[<http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>]; acesso em 16.02.14.

<http://rodrigoabreupdt.blogspot.com.br/2015/08/estrutural-df-regularizacao-cada-vez.html> acesso em 04/04/2017.

[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/02/09/interna\\_cidadesdf,572207/escola-na-estrutural-volta-a-funcionar-apos-anos-de-interdicao.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/02/09/interna_cidadesdf,572207/escola-na-estrutural-volta-a-funcionar-apos-anos-de-interdicao.shtml) acesso em 04/04/2017

<http://www.facebook.com/alinealbernaz>. Acesso em 04/4/2017

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jiu-jitsu>. acesso em 04/04/2017



## APÊNDICE A

### CONSTRUÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_ Anos

SEXO: FEMININO ( ) MASCULINO ( )

FORMAÇÃO:

\_\_\_\_\_

FUNÇÃO NO CDC: \_\_\_\_\_

OCUPAÇÃO: \_\_\_\_\_

QUANTO TEMPO NO CDC: \_\_\_\_\_

1) Como conheceu a Comunidade Santa Luzia?

2) O que a/o motiva a continuar o trabalho dentro da Santa Luzia, com o CDC?

3) Você consegue compreender o CDC como um espaço de resistência dentro da comunidade Santa Luzia? Como você vê a entrada do Projeto Autonomia e Oficinas, como a de Jiu-jitsu?

4) As oficinas de jiu-jitsu surgiram a partir da minha entrada no CDC. Elas são uma derivação do trabalho pessoal que chega pelo Autonomia. Como você considera esse espaço de cuidado e aprendizagem para as crianças e adolescentes da Comunidade?

5) Através dessa relação que se dá com esses corpos dóceis, aqueles que podem ser submetidos pela forte influência que essa sociedade que manipula os conduz. Você percebe que o Projeto e as oficinas sirvam de espaços de encorajamento à mobilidade fora dessa bolha social criada em torno da Comunidade Santa Luzia?

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### Dados de Identificação:

Trabalho de conclusão de Curso de Pedagogia (FE) pela Universidade de Brasília.

Pesquisador responsável: Rodrigo do Amaral Silva sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>.

Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Telefones para contato: (61) 99203-7828

Nome do/a voluntário/a: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ anos

RG: \_\_\_\_\_

Ocupação/ profissão: \_\_\_\_\_

Responsável legal (quando for o caso):

\_\_\_\_\_  
R.G. Responsável legal: \_\_\_\_\_

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios de Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e a orientadora terão conhecimento dos dados.

Ao participar desta pesquisa o/a Sr.(a) não terá nenhum benefício direto.

O/A Sr.(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Os dados poderão ser utilizados em

artigos acadêmicos, apresentações, ou quaisquer atividades levadas à discussão da temática, sempre mantendo o objeto dos dados da entrevista.

Eu, \_\_\_\_\_, R.G N° \_\_\_\_\_

Declaro ter sido informado/a e concordo em participar, como voluntário/a da pesquisa acima descrita.

---

Assinatura do/a Participante